

José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mattogrossense de Letras

ESPELHO DE ALMAS

Contos

PREMIO
da
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

1931

A. COELHO BRANCO F.º - Editor
RUA DA QUITANDA, 9 - RIO DE JANEIRO
1931

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>



Capa original 1ª ed.

ÍNDICE

O AMIGO DOS DESCONHECIDOS	5
FORTUNATO OU O FORÇADO DA FELICIDADE	18
O GUIZO	32
CONTO DE NATAL	43
FLORES DE UM DIA	53
THEORIA DO IMPREVISTO	67
AQUELLE HOMEM ESTRANHO	79
A LIÇÃO DE MIMI	95
ENTRE VELHOS AMIGOS OU DA PHILOSOPHIA CONJUGAL	110
A BURGUEZINHA OU AS LINHAS OCCULTAS DO DESTINO	126

MESQUITA, José Barnabé de — Espelho de almas. Rio de Janeiro, A. Coelho Branco filho, 1932.

Prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1930.

Modesto de Abreu ao comentar o livro de JM, filia o autor ao rol dos verdadeiros discípulos de Machado de Assis: “(. . .) revelando nele a estirpe de um autêntico discípulo, não discípulo servil que repete as lições do mestre, por um muito brasileiro psitacismo em que as aparências fraseológicas encapam a falta de legítima correspondência interior, mas discípulo por assim dizer ingênuo, por similitude de tendências naturalmente acentuadas com a assimilação e a admiração das obras primas do mestre.

Em JM há sem imitação nem aparência preconcebida nesgas de humorismo característica e inconfundivelmente machadiano. Filia-se ao ironista das “Histórias sem data” como este se aproxima de Sterne. *Modesto de Abreu* — Um discípulo de Machado de Assis. *B Ariel*, jul. 1936, p. 266.

Fonte: “ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL”, Vol. 87, 1967, pg. 41, item 1464. Divisão de Publicações e Divulgação. Rio de Janeiro — 1969.

À memória immortal

do grande Mestre da

Intuspecção e da Psychanalyse

MACHADO DE ASSIS

O. D. C.

O AUTOR

(Cuyabá - 1929)

O AMIGO DOS DESCONHECIDOS

“Cada creatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...”

(MACHADO DE ASSIS — *Papeis avulsos*, 223)

O AMIGO DOS DESCONHECIDOS

A Álvaro Moreyra

“Nós respeitamos e estimamos muito mais os desconhecidos do que mesmo as pessoas que conhecemos...”

Fiz um ar de admiração, como convinha, diante da frase que o meu companheiro de palestra atirara, á guiza de paradoxo, no meio de uma conversa trivialíssima. Elle, porém, sem dar siquer pelo meu espanto, continuou, risonho sempre, assim como quem expunha uma these, muito calma e naturalmente:

A começo pensei que isso só se dava commigo e que se tratasse de um facto pessoal. Fôra preferível, porque, sob esse ponto de vista, faria de mim e dos que se parecem commigo, um caso interessante para os analysts de almas.

Infelizmente, porém, trata-se, como já tive occasião de observar, de um caso geral, generalíssimo

muito mais do que á primeira vista podemos suppor. Todos nós soffremos essa estranha influência dos desconhecidos, que exercem em nós e na nossa vida uma impressão mais forte e sensível do que aquelles aos quaes nos sentimos mais intimamente ligados...”

Era, quem assim se exprimia, um senhor sympathico, de apparencia saudável e digna, que, dias antes, no cinema, me fôra apresentado por um dos meus melhores amigos. Afastei, portanto, a idéa que, a principio, me acudiu de achar-me em presença de um doido.

Podia ser, quando muito, um amator de phrases e conceitos originaes. Pensei instigal-o no” seu amor ao paradoxo, contestando-lhe a affirmativa. Contrariar é o melhor modo de ouvir bellas theorias que, em geral, acodem no decorrer das discussões acaloradas. Não quer isso dizer que, também, muitas vezes, impugnar as theorias alheias não nos proporcione ensejo de ouvir as maiores tolices e despautérios. Que queres, si a natureza do homem é toda assim, contradictoria e vária, como a própria vida?

A daquelle não seria tanto que eu a não entendesse; pareceu-me, desde que me dispus a ouvi-lo, um interlocutor vivo e intelligente, pela maneira fina e atilada com que veio de encontro aos meus argumentos. Reproduzirei aqui, supprimindo por ociosas as minhas contestações, tudo o que, acerca dos desconhecidos,

me disse o meu original amigo, naquelle agradável passeio que, num claro domingo de Outubro, fizemos á Cantareira.

— É como lhe digo: nós amamos muito mais os desconhecidos. Parece absurda a minha asserção, mas é perfeitamente natural e humana, como tantas outras coisas que parecem absurdas, sem que o sejam. Haverá nada mais commum do que a observação de que somos mais cortezes e affaveis com aquelles que vemos pela primeira vez do que com os nossos mais íntimos e velhos camaradas? Isso explica até certo ponto um principio de psychologia que eu tenho longa e diuturnamente observado e que, si bem que nos repugne é, todavia, real como a mesma realidade. Quero referir-me a essa anomalia psychica que nos faz, mau grado a nós mesmos, rudes e seccos com as pessoas que mais estimamos, o que tem feito dizer a certos observadores da alma humana que o amor tem as suas raizes no ódio — *la haine des sexes*, de Bourget - reconhecida por D’ Annunzio como o fundo mesmo do amor...

Já o grande Shakespeare, o maior dos psychologos que eu conheço, punha na bocca de Cloten, um dos personagens do drama “Cymbeline”, estas palavras profundas de verdade: “*I love and hate her*” “Amo-a e odeio-a”... É assim mesmo, não ha duvida. Repare V. o olhar de dois, namorados que se vêem a, sós...

É uma observação já feita por Schopenhauer, da qual não pretendo reivindicar a propriedade. Olham-se os dois como numa recíproca inspecção, num mutuo desafio... Os olhares lhes dardejам flammas mysteriosas e indefiníveis... Eu, por mim, o confesso sinceramente, jamais soube ser terno e meigo quando amo... Basta que eu sinta a menor inclinação por uma pessoa para, perto della, me tornar selvagem, estúpido, incapaz de um gesto ou de uma palavra mais gentil. Cultivo, entretanto, o galanteio com a maior facilidade, si, se trata de uma outra pessoa que não conheço ou, pelo menos, para mim um tanto estranha. Deante de um desconhecido, qualquer de nós sente o prazer de alardear espírito, tornando-se vivo, mordaz, cheio de ditos prompts e felizes... O grande Stendhal — não lhe pareça que busco demonstrar muita leitura com estas citações, que, sem longes de preciosismo, pretendem apenas justificar o que vou dizendo — já havia notado, no “H. Brulard” que nós nos sentimos mudos, immoveis, pouco amáveis e até as vezes aggressivos juntos daquelles que mais amamos...

Contrariamente a esse constrangimento em que nos collocamos deante da pessoa amada, que encanto achamos em nos expandir em face daquelles que vemos pela primeira vez!

Esse amor aos desconhecidos pode ser um defeito

de organização psychica, mas é muito mais commum do que parece. Ha nisso, talvez, uma influencia de educação mesclada a outras causas ancestraes, daquellas que Dante tão bem analysou...

Nós todos que bebemos o leite do romantismo — pois que esta geração de decadentes é filha do consorcio hybridado da escola romântica com o naturalismo — amamos o mysterio, as aventuras, as attitudes estudadas...

É essa, seguramente, uma das causas do amor aos desconhecidos. O desconhecido leva sobre o conhecido a grande vantagem do imprevisto e do inesperado. Ora, nós, por um desvio de imaginação que se dá mesmo nos temperamentos mais equilibrados, somos inclinados a esperar sempre o melhor daquillo que não conhecemos...

Dahi, bem pode ser outra a causa, que não essa apontada. Um facto pode gerar-se de varias causas, como uma causa única pode produzir innumerous resultados... Mas, isto já é uma divagação philosophica e, por isso, inútil ao caso. Não sou philosopho. Sou simplesmente um homem do meu tempo, que se compraz na observação da alma dos seus contemporâneos, encontrando na radioscopia dessas miudezas psychologicas o mais agradável prazer, qualquer cousa como o do anatomista ao perscrutar os segredos

funcionaes e orgânicos do homem...Mas reatemos o fio partido da nossa palestra.

Dizia que nós vivemos sob a influencia dominadora dos desconhecidos.

Assim é effectivamente. Si vamos pela rua, cada um que se cruza comosco parece que nos fita, que nos examina, que formula qualquer juízo a nosso respeito e sentimo-nos felizes em pensar que esse conceito lisongeiro e absolutamente *imparcial* satisfaz a nossa intima vaidade. Cousa singular! Raramente nos acode á idéa que elles podem pensar qualquer cousa de mal a nosso respeito... Quantos enganos nos não segreda o amor próprio, á conta desses juízos dos desconhecidos! Si entramos num theatro, si nos achamos num café ou numa confeitaria, accentua-se da mesma forma em nós essa preocupação. Tomamos attitudes que possam attrahir a attenção dos desconhecidos, e si falamos ao nosso companheiro, o fazemos alto para que *elles* também ouçam e façam um juízo sobre as nossas idéas...

E nada nos agrada tanto como um gesto vago de complacência, de *sympathia*, de interesse, partido de um desconhecido. Até no amor, a mais empolgante das preocupações humanas, nós sentimos essa poderosa actuação dos desconhecidos... As melhores aventuras, que deixam mais profundo sulco em nossa vida

sentimental, são as mais fugazes e que se occultam sob o véu mysterioso do incógnito... A mor parte das vezes não passam de um olhar fugitivo, de um sorriso clandestino, de umas palavras atiradas a esmo... Assim em amor, assim em tudo.

Num negocio que empreendemos, cerca-no sempre a cuidosa preocupação do sigillo, de sorte a fazel-o desconhecido dos demais até que bem succedido.

As melhores obras que produzimos são as de gabinete, escriptas na doce placidez dos sacerdotes da arte que, como o grande Machado de Assis, vivem mais para o seu mundo interior que para o conhecimento dos homens frívolos... Os grandes, os verdadeiros Mestres escrevem para o futuro ou para os estranhos: os seus íntimos, os que os conhecem de perto, quasi sempre os não comprehendem. Nada, de resto, nos interessa tanto como o conceito publico, que é, ao cabo, o pensar da multidão anonyma dos que nos não conhecem.

E vivemos, sem o sentir, dominados pelo desconhecido.

Deus é um mysterio, a vida um enigma, o destino a esphinge atroz do incognocivel... Essa influencia dos desconhecidos vae até o ponto de nos fazer amar, odiar, ter ciúmes delles. Ha *sympathias* espontâneas

e antipathias gratuitas, que nascem com o primeiro olhar, como si, por ventura, já, em algum tempo, em qualquer lugar, houvésemos visto aquella creatura, alvo involuntário de nosso affecto ou de nossa repulsão... Ainda ha pouco, numa parada de trem, em Mandaqui, vi uma creatura mimosa, ar ingênuo, 15 annos em flor, tudo o que ha de mais galante e espiritual... Pois, meu amigo, surprehendi-lhe no olhar que pela primeira e provavelmente pela ultima vez se pousava no meu, uma impressão — como direi — conhecida, *já vista*, e pareceu-me encontrar ali alguém que eu estimava e me estimava... Que de vezes temos pensamentos assim! Os partidários da metempsychose explicam taes factos pelos successivos avatares dos espíritos: eu direi que ha nisso pura e simplesmente uma regressão atávica, uma influencia mysteriosa do desconhecido que a sciencia ainda não pode explicar.

Ás vezes, no meio de uma grande massa de povo, uma feição se destaca e nos impressiona accentuadamente, conservando a nossa memória por muito tempo, aquelles traços entrevistos num relance... Os desconhecidos são como essas velhas moedas cunhadas ha muitos annos que nos passam pelas mãos: nem todos sabem lhes dar o devido apreço, recebem-n'as e passam-n'as a outros, sem reflectir no mysterio do seu destino, nos pontos que percorreram, no seu longo circular

pela terra... Quanta angustia não presenciaram, quantos prazeres não foram com ellas comprados, de quantas desgraças não foram causa!

Honras, commodidades, gozos, afflicções — tudo pode ter provindo de uma dessas velhas moedas, que por ai andam e que todos conhecem e ninguém conhece...

Ha creaturas assim... Ha rostos desconhecidos que falam mais que velhas moedas, que têm historias mais tristes no seu obscuro e incerto fadário.

Creaturas existem que só com vel-as as diremos logo felizes ou desventuradas.

Eu tive um amigo que se apaixonou perdidamente por uma mulher cujo retrato vira numa revista de arte. O pobre abandonou tudo — posição, conforto, bem estar, — e se pôs, como um maníaco, á procura dessa pessoa. Quando conseguiu enconral-a soube que era uma doente já desenganada por varias médicos... Mas elle amara nella o doce perfil desconhecido: aproximou-se-lhe, travaram relações mais intimas, amaram-se e hoje são felizes ao lado um do outro.

Viajam a Europa, onde ella fez uma estação climatérica, na Suissa, voltando restabelecida ... Não vê V. a influencia clara do desconhecido encaminhando esse rapaz a salvar aquella moça?

Ella estaria talvez perdida se não fosse a paixão que sua photographia despertou no meu amigo...

Nesse momento, um empregado vem avisar-nos que o trem ia descer e que era o ultimo, o das 6 horas.

Paga a nota do botequim, corremos pelo largo, a tomar o nosso carro. De caminho, enquanto os carros rodavam entre o alegre estrepito dos subúrbios, no seu bulício dominical, o meu amigo, ou melhor, o amigo dos desconhecidos, concluiu desta maneira as suas considerações:

— “Repare neste carro em que vamos, como todos os que aqui se acham levam consigo a mesma preocupação, arranjam-se, tomam attitudes, falam, com o intuito de impressionar os desconhecidos.

É o que interessa na vida... Si todos se conhecessem, como seria monótono e fastidioso! É o mal das cidades pequenas, em que predominam os compadrescos, a politicalha e o malinguismo.

Já experimentou V. a sensação de passear sozinho com um amigo numa cidade estrangeira? É quando nos sentimos loquazes, expansivos, alegres, diante da liberdade que nos vem da certeza de sermos ali inteiramente desconhecidos. Note o exquisito prazer que têm quasi todos os homens de phantasiarem-se, para, como desconhecidos, poderem commetter, á vontade, toda a espécie de loucuras. Por outro lado, é

digna de reparo aquella admiração que sentimos por certas personalidades e que diminue, quando de todo não desaparece, desde que a conhecemos e penetramos na sua intimidade. Tudo isso prova á saciedade a minha these de que nós vivemos mais para os desconhecidos. São elles os que nos cercam, nos dominam, nos absorvem, nos empolgam, elles, esse grande numero de homens e mulheres que se cruzam connosco todos os dias, que encontramos todas as noites, frequentadores dos nossos cafés, dos nossos cinemas e dos nossos *clubs*.

Conhecemol-os de os ver mas os estimamos de os não conhecer. .. Como é interessante observar os hábitos, as feições, os *tics*, as predilecções de um desconhecido, em que por vezes julgamos ver um amigo, de qualidades affins e de inclinações semelhantes ás nossas! Ha desconhecidos amáveis e os ha odiosos e repugnantes; observe e verá... A vida vale pelo que observamos. Só os prazeres subtis da imaginação nos satisfazem neste mundo em que a realidade é tão precária e contingente. É a illusão que domina a vida e é della que nos vêm os maiores prazeres.

Entre dois desconhecidos que se defrontam e se miram trava-se esse duello de mutuo engano consistente no facto de cada um suppor-se objecto das preocupações exclusivas do outro...Illusão do egoísmo,

pois si, ambos cuidam constituir-se alvo dos pensamentos e conjecturas do outro, está claro que ambos se illudem...

Aqui o meu loquaz companheiro estacou a torrencial facúndia do seu discurso. Entrara no carro, sentando-se em frente de nós, toda sorriso e mocidade, uma graciosa figura, leve como as estatuetas de Tanagra e trescalando a um delicado perfume desconhecido. Com um sorriso malicioso, em que pus toda a perversidade de que me sinto capaz, eu lh'a indiquei, num gesto vago de cabeça, dizendo:

— “Veja... Ahi tem uma excellente oportunidade para V. verificar, praticamente, as excellencias da sua these acerca da influencia dos desconhecidos...”

FORTUNATO
ou
O FORÇADO DA FELICIDADE

Triste no summo bem, triste no excelso instante,
o Poeta comprehendera o mal de ser feliz.

(BILAC — *Dante no Paraizo*)

FORTUNATO
ou
O FORÇADO DA FELICIDADE

A Antonio Salles

Chamo-me Fortunato e nasci num dia de Páscoa, sob a mais linda estrella que brilha no céu. Não sei si do nome que me puseram ou si do astro sob cujo influxo vim á luz, sou o homem mais feliz deste mundo.

Censuram-me por isso.

Ora, essa é muito bôa!

Não tenho culpa de ser feliz quando os outros não o são.

Dizem-me em ar de reproche: “Tu és uma ironia viva diante das desgraças alheias. A tua alegria constante faz mal aos que soffrem e o teu eterno bom humor irrita a sensibilidade dos tristes. Devias, ao menos por um dia, ensaiar de ser infeliz”.

Eu ouvia, calava-me e sorria para mim mesmo, porque os que assim falavam não sabiam que o meu

maior desejo era justamente de tomar gosto ás infelicidades, que ainda não conhecia. Quisera, de bom grado, experimentar as sensações nunca soffridas, por uma dessas curiosidades que constituem a fibra característica dos psychologos e analytas.

O que não hei feito para soffrer, para sentir uma dor aguda, que me abale os nervos tão calmos e equilibrados! Mas, esse meu desejo é impossível, tão irrealizável como o de mudar de sexo ou de morrer duas vezes. Ha creaturas que só com vel-as dilas-ieis predestinadas para isto ou para aquillo. Eu nasci predestinado para ser feliz e não ha nada, nem esforço próprio nem circumstancias estranhas á minha vontade, que possa afastar de mim essa fatalidade. E, no entretanto, é tão fácil ser infeliz!

Eu tenho um amigo que se considera irremediavelmente desventurado porque tem os olhos garços, quando os desejava ter pretos. É uma infelicidade absoluta, irreparável, pois ninguém até hoje pode trocar, a seu talante, a cor dos seus olhos... Não poderia eu ter nascido com os olhos garços? Sempre fôra uma cousa para amofinar-me, para turvar de uma nuvemzinha o céu azul de minha felicidade. Dahi, quem sabe, com este meu gênio eu era capaz de gostar dos olhos garços, desde que fossem meus. A felicidade é cousa tão relativa! O certo é que os meus olhos são

castanhos, cor de avellan (a comparação é das que se dizem clássicas) e eu me sinto muito bem com elles.

Já cheguei a esta inevitável conclusão de que não ha possibilidade de eu vir a ser infeliz nem por momentos. Procurei ver si o amor, que goza a lisongeira fama de maior agente de infelicidade, me trazia algum dissabor serio. Mas, fui de uma felicidade exasperante no amor. Jove, o clássico Lovelace da mythologia, ter-me-ia inveja, si algum dia Jove tivesse existido, pois não foi preciso transformar-me em cysne, chuva de ouro ou Amphytrião para vencer as fáceis Lêdas, Danáes ou Alemanas contemporâneas. Conclui, cheio de profundo desanimo, que, por esse lado, falhara a minha empreza : não seriam as mulheres, creaturas frágeis diante do destino, que me trariam a desejada desdita. As varias tentativas empreendidas, todas com êxito quasi immediato, me trouxeram quando muito o fastio, o tédio, que não é positivamente a desventura.

Aborrecia-me de ver que o rol das chamadas emoções humanas é tão reduzido, tão monótono, tão sempre-o-mesmo, para quem appetece o novo e o inesperado, como o mundo na sua expressão geographica, para quem queira encontrar sempre paisagens desconhecidas. No fundo, todas as emoções, como todas as paisagens, têm traços communs de semelhança... Lembra-me o sublime cantor de “Les Fleurs du Mal”, Baúdelaire,

a pedir o abysmo, a morte, comtanto que sentisse, como um látego a fustigar-lhe os nervos anesthesiados, a deliciosa impressão do novo:

“ciel ou enfer, qui importe?

Au fond de l’inconnu, pour chercher le nouveau”

A natureza é positivamente absurda. Deveria haver um reservatório de emoções, que se fossem renovando com a idade e não esse pequeno numero que a gente conhece logo e de que se sente farta em menos de metade da vida. E o que se ha de fazer na outra metade? Repetir os mesmos prazeres? Por que não ha para cada dia uma sensação nova? Por certo, o amor não satisfazia ao meu desiderato, porque, a não ser nessa, forma relativa do tédio, d'elle nenhum desgosto me poderia advir. Ora, o tédio não pode ser classificado como infelicidade — no meu caso, pelo menos. Elle provem do excesso de ventura, é uma espécie de enfaro, que só pode sobrevir aos fartos, nunca aos famintos da felicidade... Falhando o amor, recorri a outro meio de ser infeliz: as viagens. Sempre ouvira dizer que nada mais incommodo, na pratica, que uma viagem, si bem que, theoreticamente, ellas sejam preconizadas até como uma salutar distração aos espíritos enfermos. Mas — ai de mim! também essa esperança

estava escripto que me abandonaria... A mudança de clima, de vistas, a observação de novos costumes vieram desde logo espantar de meu pensamento aquella apathia incolor e aguada do tédio que começava a invadir-me.

Com seis meses de locomoção através deste misérrimo planeta, exgottara-se-me a fonte de sensações turísticas... Com o amor, valha a verdade, eu levava mais tempo a me cansar, o que prova até certo ponto, que ha mais variedade nos corações femininos do que nos accidentes geographicos... Por fim, lá um dia cheguei á mesma situação anterior: achava-me fatigado de viajar, incapaz de obter novos prazeres na minha forçada peregrinação através de exóticas terras.

Uma paisagem scandinava, com dunas e fjords, uma estria branca de praia bretan, um trecho convulsionado de floresta tropical, uma visão slava, de steppe nua — nada disso já não conseguia estimular a minha retina, nem despertar a minha emotividade sensorial ou psychica... O panorama das cidades grandes me acabrunhava. Vistas do alto de um aeroplano, numa impressão de conjuncto, Londres ou Berlim, Tóquio ou Paris, Sydney ou Nova-York offerecem o mesmo insípido aspecto, com as suas eternas avenidas, os seus canaes, as suas ruellas, as suas pontes, as suas igrejas, os seus theatros, as suas chaminés, os seus prados sob

medida e as suas casas que, a falta de terreno por onde se expandirem, levantam a pesada alvenaria para o céu turvo da caligem das fabricas... É sempre igual ao feitio de todas essas colméias humanas, que, com franqueza, não denotam, da parte do mais intelligente dos animaes, qualidades de inventiva superiores as de outras espécies gregárias, como as abelhas, as formigas e os castores...

Eis-me de novo a cata de outros recursos que me dessem a almejada desdita, Atirei-me ao jogo. Ganhava sempre e, em poucas semanas, tinha triplicado a minha já grande riqueza, sobre o panno verde do *baccarat* ou na vertigem apaixonada da roleta.

O jogo, que a tanta gente faz infeliz, não servia ao meu propósito decidido de ensaiar a infelicidade. Voltei-me então de corpo e alma para a Arte.

Ouvira aos meus, amigos artistas asseverar que não ha soffrimento ou tortura que se compare á ânsia pela perfeição inatingida, pelo ideal irrealizável, pelo sonho que se procura plasmar no mármore, traçar na tela ou graphar nas laudas de papel... Eu seria, sem duvida, um desses condemnados da Arte, Laconte ou Sisipho, esmagado e torturado pelo ideal artístico.

Pois ainda uma vez tinha que desilludir-me na minha vã esperança de ser infeliz. Para empregar ainda uma imagem antiga, um symbolo mythico —

a mythologia é tão querida aos artistas! — direi que fui antes Heraklés, o prodigioso. Tudo quanto tentava, eu o conseguia realizar.

A felicidade — jettatura as avessas, me perseguia... Os meus quadros foram julgados um modelo perfeito, maravilhoso, inegalável. As minhas “maquetes”, expostas no *Salão*, tiveram o *grand prix* e receberam louvores incondicionaes da imprensa e dos amadores.

Fiz versos... sahiram-me as estrophes sem esforço nenhum, simples e rutilantes, como medalhas de ouro, com legendas antigas... Commoviam-se, ao lel-as, as meninas românticas, retardatárias de 1830 e às *modern-girls*, de olhos bistrados, saias curtas, cabellos a *la garçonne*, os recitavam, com vivacidade eloqüente, nas recepções elegantes, como paradigmas da arte actual e veras expressões da cultura contemporânea... Esvaia-se-me desta maneira a única esperança que me sobrava em arte, a de ser incompreendido, injuriado, criticado por uma ou outra das escolas que hoje disputam o primado da poesia nacional, os *passadistas* e os *futuristas*.

Eu era da actualidade — um traço de união entre o passado e o porvir... Todos me estimavam, todos viam em mim o *juste-milieu*; a voz do bom senso que se não extrema e fica no meio em que os antigos

collocavam a virtude. O successo me perseguia, implacável e cruel. Fui feliz, marquei uma época de renovação esthetica, segundo diziam os críticos de arte, nas gazetas do dia... Desta maneira, até, a Arte que é madrasta para os seus filhos mais amados, me sorria, em complacências amorosas nunca imaginadas. Não me era, então, possível experimentar a infelicidade? Que inveja me faziam os falhos, os mal succedidos, que jamais se elevam do pó humilde do seu anonymato! Eu, ao invés, era um forçado da felicidade, um homem a que o destino poderoso obrigava a ser feliz, vedando-lhe o conhecimento do outro lado da medalha da vida... Note-se que eu não soffria, no sentido vulgar dessa expressão. Si conseguisse padecer, já seria um pouco desditoso. Mas o que eu sentia era só essa displicência tediosa diante da chatice da existência... Eu não sabia, não podia soffrer. Busquei a morte como um derradeiro meio de fugir á minha inalterável felicidade.

Excusa dizer que ella não veio, como ao lenhador da fabula, e si viesse, de resto, creio bem que me não amedrontaria, pois a mim ella, por certo sorriria sob a forma euthanasica, como uma bella mulher, uma noiva tumular cheia de carinhos e não como a clássica figura esqualida a empunhar a foice já gasta nas imagens rhetoricas e poéticas...

Devo dizer que jamais me passou pela mente o procural-a: a minha felicidade, a minha noção da vida excluiria, por si só, a hypothese mesmo longínqua do suicídio. E, depois, quem me diria que mesmo o mysterio do além se me desvendasse penoso e cheio de dores? Com esta predestinação á ventura, era bem possível que eu, embora me não presuma dos mais justos entre os homens, viesse a gosar da bemaventurança eterna...

Exgottados os grandes, os supremos recursos, eis-me voltado agora para os mínimos, os triviaes, os todo-o-dia, assim como, diante de um caso clinico em que inutilmente se empregam os mais enérgicos meios therapeuticos, se retorna á medicina de casa, ás mezinhas e tisanas das velhas curandeiras...

Tentei um casamento e escolhi para minha companheira vitalícia um corte de mulher que reunisse, todas as probabilidades futuras de, em pouco dias, transformar-me em fel bem amaro o doce mel que soe existir na primeira lua conjugal... Era a minha mulher bem distituida de qualidades physicas e do mais. Profundamente ignorante, visceralmente inimiga da belleza, soberanamente geniosa e, sobre tudo isso, — parece difficil na realidade um typo assim — muito dada aos prazeres da sociedade *ou l'on s'amuse...* E, ainda mais, vá que diga, ciumenta em extremo. Com

taes probabilidades, havia de sair-me uma harpia, uma megera, uma tarasca, nas excellentes condições de infernar-me a vida, como eu piamente desejava. thalamo nupcial converter-se-me-ia, desde o primeiro dia, num leito de Procusto... Pois mais uma vez errei e ahi se prova o quanto de fallivel ha nas previsões humanas, sobretudo em se tratando de mulheres. Cantidiana — até o nome parecia fatídico nessa creatura. — uma vez casada, transformou-se completamente. Tornara-se retrahida, caseira, dada a estudos, meiga, amorosa a mais não ser. Os seus tolos ciúmes desapareceram a ponto de, mesmo quando eu os provocava, de propósito, ella se negar a dar credito aos meus actos menos de accordo com o pacto matrimonial. E com a reviravolta moral, accentuou-se-lhe igualmente grande mudança nas feições e no physico em geral. De descarnada e angulosa que era, eil-a cheia de formas e, dia a dia, mais bella. Com pouco, adquiriu esse viço de mocidade que parecia não possuir e as suas linhas e as suas feições irradiaram, ao fim de seis meses de hymineo, essa expressão serena e casta de felicidade que eu sempre sonhara na eleita de meu coração... Contagiara-a naturalmente a minha irremediável ventura. Pús-me dahi por diante á frente de grandes empresas, metti-me desassombradamente em negócios arriscados, especulações da Bolsa, transações perigosas,

dessas que tem arruinado as fazendas mais sólidas... Mas, o negocio é como o jogo: depende da sorte. E como do jogo, delle se pode dizer, que é no negocio “*qu'on voit les plus grands coups du sort*”. Fui feliz. Felicíssimo, m’o chamavam os que recebiam as aparas das commissões que lhes dava.

Occorreu-me abandonar tudo — família, conforto, dinheiro, — e ir para a Terra do Fogo, para o Senegal, para qualquer região do mundo deserta e inhospita onde pudesse, ao menos um dia, conhecer o travo desse desejado nectar da infelicidade. Mas, para que? Eu já não confiava na efficácia dos meios empregados para fugir ao meu destino de ser feliz. Bem podia acontecer que me desse bem por essas plagas que a toda gente se afiguram exílios temerosos e montasse uma instalação confortável e digna de inveja, ao lado de alguma fuegina ou senegaliana que me amasse, tanto ou mais que a minha hoje bella Cantidiana...

Para que tentar, pois, novas experiências? Nada, absolutamente nada me faria escapar a esse anathema de felicidade que me seguia na existência.

E vão-se-me os dias nessa esperança nunca realizada, buscando resolver o enigma da desventura, com o mesmo apaixonado ardor com que os philosophos procuram a chave da verdade para adaptarem á fechadura dos seus systemas. Sinto, por vezes, este vago mal

estar de quem deseja alguma cousa ardentemente sem a alcançar.

Mas isso não é ainda a desdita. É, antes, a plethora de felicidade que m’o traz. Sou um pobre grilheta amarrado a uma sorte que não desejei e nem pedi e isto por si só deveria — si outras fossem as minhas noções da vida — converter-se no mais trágico dos supplicios. Nem Dante, nem os carrascos chinezes, nem os romanos da decadência, nem os inquisidores poderiam imaginar essa nova, tortura — a pena da felicidade sem remédio!

O que eu não daria para soffrer, para poder ser pobre e ter privações, ser doente e ter dores, ser fraco e ter receios, ser desprezado e ter zelos, ser mau e ter ódios, desejar e não possuir, amar e ser espesinhado, produzir e não ser comprehendido!

Como eu desejaria ser como toda a gente, como os meus irmãos — homens, que soffrem, que aspiram, que têm anhelos insatisfeitos e torturas dilacerantes!

Mas, para mim, — fatalidade terrível! o desejo não existe, pois é logo saciado, a dor não tem realidade objectiva nem mesmo subjectiva e vivo feliz por natureza, pela condição immanente ao meu ser, tão adjectivada ao meu eu como a luminosidade para as estrellas e a crystalinidade para os diamantes.

Mas — agora me acode — este anseio continuo,

persistente, irrealizável pela infelicidade não será elle próprio já uma relativa infelicidade?

Uma idéa fixa, que vos obseca, que vos não deixa um instante de trégua, que vos despersonaliza, impondo-vos uma vontade que não é a vossa — não é isto uma desventura?

Curioso! interessante, sem duvida! Muitíssimo curioso e interessante! Quem diria que a desdita me viria do simples desejo de ser desditoso? Pois assim é. Á força de desejar ser infeliz, sem o poder, encontrei o *X* da equação da infelicidade. Já não me posso dizer, como antes, integralmente feliz. . .

Alegra-te, Fortunato, regozija-te. Eis quasi satisfeito o teu sonho. És infeliz, és como toda a gente, és humano, estás, sem duvida, nivelado aos teus semelhantes, e fora daquella odiosa e excepcional felicidade, que te isolava no magnífico e uníssonos concerto das dores universaes! E — doce consolo, dirá algum ironista — foi a tua própria felicidade, que te fez infeliz!

E, depois disto, ainda haverá quem, se torture inutilmente a procura da felicidade?

O GUIZO

É inútil que estes divertidores públicos falem de belleza e finjam despresar e recebam sob a capa e de noite, no escuro, o preço de seus passatempos. São, quer queiram, quer não, os cortezaos, da multidão soberana...

(PAPINI — *Un uomo finito*)

O GUIZO

A João Ribeiro

Era uma vez, um cachorro que tinha um guizo. Chamava-se Jack e era um bello e nobre animal; embora pequenino no porte, via-se que era um cão de alta linhagem, que deveria ter na sua complicada ascendência canina algum *dog* de puro sangue nascido ás margens ruidosas do Tamisa ou na silenciosa Oxford cheia de bruma. Jack, porém, nascera numa pacata cidade brasileira e era, quando muito, um cachorro de estimação, o que entre elles, cachorros, equivale á nossa expressão — pessoa de sociedade.

Sempre limpo e bem tratado, tinha a comida a horas certas, dormia, pelo inverno, num palheiro confortável e, pelo verão, na sua casinha de madeira, ao fundo da chácara. Fazia a côrte ás mais bellas cachorrinhas do bairro e quando passava pela rua, lépido, o seu guizo tilintando, não descia a cumprimentar

qualquer canicho magro desses que infestam a cidade, cachorros pés-rapados, cachorros vagabundos, sem dono nem domicilio conhecido... Não lhes dava confiança — lá isso não! elle, Jack, o cachorro mais distincto do quarteirão e quiçá da cidade, que morava na casa dum titular, tinha bom caldo todos os dias e, aos domingos, fazia passeios ao campo com a respeitável família do Conselheiro.

Ora, esse cachorro feliz, amimado, querido, que vivia como um cachorro de *lord* e fizera para uso próprio uma philosophia epicuristica e sceptica acerca das coisas todas da vida, teve na sua existência despreoccupada e alegre, um grande desgosto, um dissabor enorme que lhe amargurava todos os prazeres, que lhe consumia e minava, aos poucos, a jovialidade e o bom humor, d'antanho. Fôra, de principio, um simples capricho; hoje era uma paixão, uma obsessão allucinante, uma idéa fixa... A primeira vez que elle vira Velludo, um cachorro feio e magro daquella pobre família do vendeiro da esquina, trazer ao pescoço um guizo de lata, Jack abanára a cauda, rindo-se intimamente e a bom rir dá pretensão ridícula daquelle palhaço.

E que guizo! Era nem mais nem menos que uma dessas vulgares latas de conserva, furada e amarrada ao pescoço por um barbante grosseiro e á qual uma pedra servia de badalo — torpe contrafeitura de guizo,

grotesca, hilariante, que nenhum cachorro de juízo e de gosto levaria a serio. Era esse o guizo que Velludo trazia, orgulhoso, duas semanas atrás, a ponto de passar o dia subindo e descendo a rua, com modos de chamar a atenção dos outros cães.

Um guizo de lata velha! Elle, Jack, que tinha um de metal prateado, pequeno, de artístico feitio, produzindo um rumor fino e delicado, preso ao pescoço por um cordel macio de seda, não andava a exhibir assim o seu guizo, numa estúpida ostentação como a que fazia agora o Velludo! Mas, não lhe daria importância: podia tocar o seu guizo, o seu ridículo guizo, desde o amanhecer até á noite...

II

O guizo de Velludo, entretanto, o perseguia. Jack entrou de notar a atenção que aquelle som forte e ruidoso despertava no bairro, mal Velludo assomava á porta da vendóla e punha-se a descer ou subir a rua, correndo, aos pinotes, como cachorro mal educado que era...

Isto deu, desde logo, muito que cuidar a Jack. Porque seria que o guizo do outro, tosco e mal feito, chamava mais a atenção do que o seu, que era um

verdadeiro guizo artístico, perfeito e acabado? Seria o barulho, o tilintar mais sonoro ou, então, o seu formato maior que, assim, attrahia a curiosidade dos cães, moradores do bairro ou transeuntes? Mas, Jack, custava-lhe crer que todos os seus semelhantes fossem tão, frívolos e tão estúpidos, a ponto de se deixarem levar mais pelas apparencias que pelo valor e preferirem, a um simples confronto, o guizo de Velludo ao seu.

Quanto ás cachorrinhas novas e ingênuas, vá que fosse: ellas, pela idade e pelo sexo, são levianas e não saberiam distinguir o merecimento dos guizos que andam presos aos pescoços dos cães... Mas, não eram só ellas; até os cães burguezes, os gordos molóssos das chácaras visinhas, os respeitáveis cães de guarda que formam as classes conservadoras da sociedade canina, corriam latindo, num cumprimento mixto de admiração e cordialidade, á passagem do Velludo e até o Cérbero, velho cão, decano venerável do bairro, zelador fiel do nobre palacete dos Condes de Aroeira, vinha, entre curioso e interessado, num abanar de orelhas denunciador de franca benevolência, ver o Velludo quando corria a rua, ao som vibrante do seu irrisório chocalho.

O Cérbero que era um cachorro sisudo, com larga experiência da vida, considerado mesmo como um

philosopho pelos outros cães — e, emtanto, deixar-se impressionar por o aquella triste ridicularia!

Jack começou a intrigar-se com aquillo. Ensaiou umas corridas pela rua com o seu guizo, cujo tilintar suave e fino parecia um leve vibrar de campainha, a ver se fazia o mesmo effeito do guizo de Velludo. Ninguém deu por elle sinão uns cãezelhos vadios e morrinheiros que se aqueciam ao sol e ladraram, á sua passagem, improperios de ralé. Jack voltou para casa impressionadíssimo. Esse dia não jantou, apesar de lhe servirem um delicioso caldo de lentilhas, no lindo prato azul de porcelana de Sévres onde comera a Elvira, a graciosa filha mais nova do Sr. Conselheiro. Jack não tinha appetite... O guizo de Velludo começava a preoccupal-o seriamente.

III

— Dlen-dlen-dlen!

Jack correu instinctivamente ao portão. Era Velludo que passava, perseguindo um cachorro feio que apparecera no bairro, perdido, naturalmente, do seu rumo, ou procurando um canejo onde se abrigasse:

E Jack sentiu que já lhe não era possível occultar a queda sensível do seu antigo prestigio. Pois si até

aquelle poder de expulsar os cães invasores que, por muito tempo, se reservara para si, Velludo, o impertinente, o usurpador Velludo lh'o tomara! A cachorrada toda do bairro achava-se áquella hora calma da tarde, pelas portas e passeios, ladrando aos passantes, correndo parelhas pela calçada, fariscando-se, divertindo-se, gozando, emquanto elle, Jack, cão nobre e distincto, que fôra sempre o animal mais querido da rua, ia-se fazendo esquecido, desprezado, só porque Velludo tinha um guizo maior e mais barulhento que o seu... Com que amarga tristeza Jack revivia o seu passado feliz, as lindas tardes do verão que acabava, quando elle passeiava o seu poderio e a sua gentileza ante a admiração babosa da canzoada estúpida! Ah! aquelle guizo! Amaldiçoado guizo! Como elle odiava Velludo, como desejava vel-o estraçalhado sob as rodas de um bonde ou victima das *bolas* que os fiscaes andavam dando aos cães vagabundos! E que era Velludo, afinal de contas? Um cão vagabundo, sujo e indecente, que andava pelas baiúcas mais infectas, tinha péssimas relações nas mais baixas classes caninas, sendo até suspeito de alimentar idéas anarchistas .Era sabido que pelas suas maneiras indelicadas apenas o tolerava a plebe canzual, sendo-lhe vedado entrar nas casas nobres, desde que, pela sua grosseira inconveniência, se atirára, uma vez, irreverentemente, ás canellas aristocráticas

da senhora Viscondessa e roubara, de outra feita, uma roda de paio da bem sortida dispensa do Snr. Inspector do quarteirão... Si elle Jack, seria capaz de commetter uma dessas gravíssimas faltas! Nunca... Para isso recebera esmerada educação, tornando-se, pelo meio em que fôra criado, um cachorro polido e de maneiras distintas, fraldiqueiro desde pequeno, gozando os afagos e caricias das meninas, admittido a acompanhar a Senhora Conselheira ás visitas que fazia, e recebendo mesmo do Conselheiro — o homem sêcco e de poucas palavras — amabilidades inequívocas e captivantes... Não, elle era, evidentemente, feito d'outra massa, pertencia a outro circulo, e jamais, custasse-lhe isso o sacrifício do seu prestígio e da sua vida, se mancharia, se baratearia ao ponto de sahir á rua trazendo ao pescoço um miserável guizo como aquelle que fazia o orgulho de Velludo.

IV

Dia a dia o pobre Jack definhava...

Em casa, alarmados ante a súbita invasão daquella inexplicável enfermidade, redobravam-lhe os carinhos e prodigalizavam-lhe o tratamento adequado, sem que melhora alguma se manifestasse.

Era o triste animal reanimar-se um pouco, tentar sahir, ver a rua, o jardim, o chafariz, matar a sua nostalgia do ar, do céu e das borboletas, lá vinha, rumoroso e irritante, o guizo de Velludo, a arruinar-lhe todo o resto do dia, e estragar toda alegria do seu passeio...

Ultimamente, tal era a sua excitação nervosa, que todos os ruídos lhe evocavam aquelle rumor: uma campainha de bicycleta, um tympano de bonde, um tilintar forte de botão electrico — e já o infeliz se via atado de novo á dolorosa obsessão daquelle guizo fatal.

Pelo bairro, nas palestras á tarde, nos idyllios furtivos da noite, já ninguém falava do esquecido Jack. Era como se elle já tivesse morrido...

Velludo era o cão da moda, o cachorro bemquisto, cujo convívio era avidamente procurado pela canzoada ingrata e volúvel... As cachorrinhas que, antes, o enxotavam com asco, agora entretinham-se com elle em colloquios prolongados e os cães molóssos empinavam as orelhas, abanando salamalescamente as caudas, quando elle passava, sacudindo o seu guizo de latão... Criou fama de bom caçador e guarda fiel das propriedades — elle, o cão inútil e de péssima reputação até pouco tempo. É assim que se fazem as grandes popularidades, pensava Jack, na sua ironia rudimentar de cachorro.

Entrementes, ia Jack se consumindo paulatinamente... Um dia em que amanhecera mais acabrunhado, resolveu sahir a busca de distracção, Iria dar um passeio até a praça, observar a impressão que causaria o seu aspecto de decadência aos seus antigos admiradores No caminho, nenhum cachorro lhe abanou festivamente a cauda, com aquella galanteria cortez dos outros tempos. Alguns conhecidos viravam-lhe o focinho, fingindo não o ter visto... Jack sentiu agravar-se a sua magua com aquella ultima decepção... Seria possível que tudo aquillo se dêsse devido exclusivamente ao condão mágico do guizo de Velludo? E si elle mandasse fazer um para si? Mas, seria rebaixar-se, condescender miseravelmente com o mau gosto da plebe ignara... Eis que do fio desses pensamentos o veio desviar o ruído sonoro e álaçre de uma campainhada...

Seria o guizo de Velludo que o vinha perseguir, zombando da sua situação angustiosa? Jack olhou para cima para baixo, farejou longamente e dispunha-se a voltar para a chácara, tristonho, a cauda cahida num gesto largo de descrença, quando um automóvel o atropelou...

Jack tentou ainda correr, aturdido pelo rumor forte da buzina, mas já uma das rodas o apanhára...Correram cães, ladrando; uma crioula que passava

estacou, assustada, diante da tragédia; o carro parou ... mas já éra tarde. Jack, na suprema agonia, contorcendo-se de dor e de desespero, ouviu o guizo de Velludo que, numa carreira desabalada, descia a rua para o local do desastre.

Aquelle guizo, naquelle instante, era a suprema affronta, o derradeiro sarcasmo da sorte. Jack soltou um ganido afflictivo, dir-se-hia quasi um gemido e, virando-se para o outro lado, morreu...

CONTO DE NATAL

Il n'y a rien de si loin de la volupté,
que l'attendrissement.

(LAMARTINE — *Graziella*)

CONTO DO NATAL

A Humberto de Campos

Gilda devia fazer treze annos pelo Natal.

Desde que nascera, já doze vezes tinha passado o seu anniversario sem que uma só vez se festejasse,

se não com os bailes e banquetes, como o fazem as meninas ricas, ao menos com uma pequena e intima commemoração familiar. Mas nem isso!

A pobreza excessiva de seus paes não permittia siquer que pensassem em semelhante cousa. Se o trabalho exhaustivo, de sol a sol, na grande fábrica onde se lhes consumia a existência, numa labuta mal paga, lhes dava apenas para ganhar o pão diário e pagar o aluguel do miserável quartinho, na *villa* em que viviam!

“Esta só é que nos faltava!”, dissera o pae, na véspera, quando Gilda, num fio tímido de voz, lhe

perguntou porque não fazia uma festinha para seus annos.

•
••

E assim, desde que, crescida, via as outras suas amiguinhas festejarem alegremente os anniversários, uma tristeza immensa lhe vinha de não poder, só ella, festejar o seu.

Comparava instinctivamente a sua situação e a das outras e sentia-se amesquinhada, humilhada pelo destino ingrato e incoherente. Por que Deus, que diziam tão bom, tão justo, tão generoso, fazia o mundo tão desigual, creando meninas ricas, que só andavam de automóvel e meninas pobres que nem podiam fazer uma festinha pela passagem do seu anniversário?

O sentimento que lhe corroia a alma não era, porém, de revolta diante dessa flagrante desigualdade social, vista por ella sob um prisma tão pessoal e expressivo.

Aquella alminha era muito pura para conhecer os assomos da inveja ou do ódio... Por uma dessas contradicções freqüentes na vida, aquella creaturinha, criada no meio da maior promiscuidade, no trabalho áspero da fabrica, em que desde os 11 annos a puseram,

conservava a simplicidade innata de sua alma, até ahi immaculada de quaesquer impressões torpes do vicio que a rodeava. Entrava para o grande casarão da fabrica, Moóca, ás seis horas da manhã e sahia ao meio dia para almoçar, voltando depois para somente sahir já a noitinha. Não tinha grandes amizades, pois seu temperamento retrahido e tímido lhe não permittia essas expansões confidenciaes que, commumente, forjam e entretecem as amizades entre companheiras de trabalho. As suas alegrias únicas resumiam-se nos gozos innocentes do lar. Aos domingos, iam ao cinema do bairro — ella, mais o pae e a mãe e os dois irmãozinhos. Era o seu dia de gala, o seu divertimento único na vida monótona que levava E assim Gilda ia crescendo e estava já *uma mocinha* bella, sem que o soubesse, muito meiga e receosa de tudo, com os seus grandes olhos escuros de uma exquisita suavidade, a encherem o seu delicioso rostinho moreno de uma expressão de ingenuidade quase infantil.

•
••

Véspera de Natal... A cidade vae aos poucos se animando, cheia da rumorosa alegria da grande noite tradicional do christianismo. Fecham-se, com

estrondo, as portas das casas de commercio. Os bondes que vêm dos arrabaldes passam cheios, apinhados de gente até os estribos. Autos fonfonam, em disparada deslizando sobre o asphalto macio. Longe, ouve-se o businar da *sereia* da Assistência, de mistura com o grito dos garotinhos apregoando os jornaes do Rio... De uma grande fabrica, descerrados os pesados portões de ferro, sahe, álaçre e rumorejante, um bando alegre de operarias... Em pouco, perdem-se os grupos, entre a multidão que enche as ruas, ávida de prazeres e em busca das festas do Natal... Uma dellas, entretanto, se atraza, sózinha, rente ao paredão solitário da fabrica, meio indecisa, a fitar para um lado, para outro, como desnorteada diante do desusado movimento.

É Gilda. Pensa em como obter o meio de festejar, no dia seguinte, o *seu* Natal...

A sua cabecinha de mulher-criança, entanto, nada lhe suggere.

Se ao menos lhe fosse possível comprar um pudim que vira na confeitaria da esquina para dividil-o com os seus queridos? Já seria alguma cousa...

Mas, como, si do seu magro ordenado ainda faltavam alguns mil réis aquelle mez para acabar de pagar ao sapateiro as sandálias rotas que calçava? Ah! pensou, as meninas pobres não deviam fazer annos!

O seu sentimento augmentava ao ver a alegria

da cidade, em contraste cruel com a sua magua desconhecida. Todos os que passavam por ella falavam, sorriam, gesticulavam animadamente... E elles, pensava a coitadita, não fazem annos amanhã!

•
••

Já ao fim da rua, ao tomar a travessa silenciosa e mal illuminada que seguia, para a sua casa, Gilda percebeu que alguém se aproximava della... O seu primeiro movimento foi de susto, mas observando o vulto que a acompanhava e vendo que se tratava do Snr. Paulo, o filho do dono da fabrica, todo o seu receio desapareceu no mesmo instante. Paulo era um rapaz sympathico, bem apessoado, alegre e amável em extremo. Teria seus vinte e dois annos e andava estudando preparatórios para medicina — pretexto innocuo de que se valia para gastar á larga a mesada paterna e ter uma posição definida na sociedade. Sim, porque elle nem pensava em tirar o titulo, que lhe não appetecia, parecendo-lhe mais convidativa a carreira industrial em que vira o seu velho pae galgar successivamente todos os degraus que, na escaleira social, conduzem, da indigência do immigrante, á fortuna sólida do grande capitalista que hoje, era. Mas, por

emquanto, o rapaz ainda se não dispusera a trabalhar e vivia regaladamente á farta sombra do pae, gosando a sua mocidade numa deliciosa bohemia despreocupada. Raro apparecia na fabrica, onde as operarias o apreciavam pelas maneiras gentis com que lhes atirava galanteios... Gilda, porém, tinha por elle uma espécie de culto fetichista, mixto de admiração e respeito, vendo naquelle bello e rico moço uma entidade fabulosa, de outra classe social da sua e, portanto, superior á sua condição e qualidade... E ao vel-o ali, a acompanhá-la, com um sorriso cheio de affavel ternura, o seu simples coração lhe fez presentir naquelle jovem formoso e gentil um protector que o céu lhe enviava, em attenção ás suas preces continuas.

Emquanto ella assim conjecturava, o moço, chegando-se-lhe mais para junto, como procurando embargar-lhe o andar, perguntou-lhe:

— Que fazes por aqui, a esta hora, menina bonita?

Aquellas palavras, longe de lhe lisonjearem a vaidade, que ella não tinha, serviram para confirmar no seu espirito a convicção de que só Deus poderia ter-lhe mandado ao encontro aquelle mancebo generoso e bom, em que a sua imaginação já lhe fazia ver o gênio protector das pequenas operarias que fazem annos.

Sem mais rodeios, disse-lhe, com uma rude franqueza, dessas que só a simplicidade pode inspirar, que

ali estava hesitando em recolher-se á sua casa, pois cogitava na maneira de obter algum recurso com que pudesse festejar, no dia seguinte, o seu natalício.

Paulo, habituado ao trato de operariazinhas pouco, escrupulosas, imaginou-se logo diante de uma dessas, que mascarava, sob esse pretexto de anniversário, um assalto á sua conhecida generosidade de rapaz folgazão e leviano.

Deliberou logo, tirar partido da sua situação. Havia dias que vinha espreitando aquella menina tímida e arisca, mas bonita, no seu descuido de pobrezinha sem atavios... Naquella noite decidira-se a acompanhá-la, iniciando um namoro de que, mais, tarde, poderia tirar excellentes resultados. Ante a facilidade, porém, com que Gilda lhe falava dos seus projectos e desejos, cuidou logo ser mais fácil do que lhe parecera a conquista daquella preza appetecida.

— Dou-te todos os recursos que quiseres, e, poderás festejar os teus annos amanhã como uma menina rica...

— Oh! como o senhor é bom! exclamou a pequena, num tom commovido, em que outro, que não Paulo, o estróina inveterado, teria visto o cunho da sinceridade mais vehemente.

— Mas exijo uma condição, uma só, que tu hás de satisfazer, sim?

— Por certo! Como lhe hei de negar qualquer cousa, se o senhor é o anjo que Deus pôs no meu caminho para attender aos meus constantes pedidos? Mas, o que é?

— Quero que vás commigo dar um passeio de auto até á Ponte Grande...

— A voz de Paulo se fazia mais terna, mais sumida e Gilda sentiu que os braços do rapaz a enlaçava pela cintura...

— Mas o passeio... não é muito demorado? Olhe que se passar de meia hora o papae pode zangar-se. Eu nunca cheguei tarde assim do trabalho!

Paulo, visivelmente nervoso, apertava-lhe as mãozinhas que sentiu frias e tremulas. Num ímpeto, aproveitando-se de um ponto, mais escuro da rua, procurou beijal-a no rosto.

— Que vae fazer, senhor? Olhe que assim fica muito tarde para ainda passearmos. Eu ainda quero achar a confeitaria aberta para comprar um pudim que hoje lá vi...

— O pudim... Ah! mas para que o pudim? perguntou, quasi sem saber o que dizia, o jovem Paulo.

— Para que? Oh! mas o senhor está, então, zombando de mim? Ah! eu logo vi! Um moço rico e feliz não pode importar-se com os soffrimentos de uma pobrezinha como eu...

Gilda chorava. O rapaz percebeu que toda ella tremia ao afago rude de suas mãos nervosas. Uma violenta comoção o tomou...

— Mas, dize, não tens confiança em mim?

— Não sei...— e ella soluçava — não sei...

O senhor parece que quer brincar commigo, divertir-se á minha custa... Eu bem sei que não obterei o que tanto desejo! Olhe... Ali vão aquellas duas.

São minhas companheiras... Já foram em casa e sahiram de novo para *festar*. Todos festejam o Natal de Jesus, só eu não posso festejar... nem o meu!

Paulo, completamente desarmado ante aquella innocencia, sentiu-se humilhado, vencido, incapaz de dizer mais uma palavra... Gilda notou que elle lhe deixava nas mãos uma nota e, sem mesmo despedir-se della, desapparecia, a passo apressado, na primeira esquina... E no outro dia, a pobrezinha festejou, pela primeira vez, os seus annos.

FLORES DE UM DIA

A natureza das flores não ha duvida que consiste em sua mesma brevidade; porque na mesma brevidade de sua duração parece que está encarecida a grandeza de sua formosura.

(P. EUSEBIO DE MATTOS — Ecce Homo)

FLORES DE UM DIA

A Afrânio Peixoto

Um dia, por acaso, ao abrir um jornal da terra, Joãozinho déra com a noticia do casamento da Nêna. Uma commoção esquisita, que na hora difficil lhe fora explicar, veio-lhe da leitura daquella simples noticia e, tomado dessa commoção a que se entregou numa doce passividade, o rapaz quedou-se, absorto, como a reviver um sonho de ha muito esquecido. Vinha-lhe uma dessas evocações que, por vezes, nos afloram das profundezas d'alma, avivando-nos impressões que julgávamos para sempre desaparecidas. Um irresistível arrastão, como o do mar nos dias de resaca, o impellia para o passado, para os primeiros annos da sua adolescência, quando principiára a fruir, ainda na posse, semiplena da consciência, os prazeres do espírito que accorda para o amor. Revôavam-lhe de novo, como de um pombal, solitário e longo tempo em abandono, se

põe a ruflar de novo as asas, todos esses desejos e receios, todas essas esperanças e timidezes que povoam de seus gorgeios românticos a alma sonhadora dos quinze annos... Era ella então que se casara, a Nêna, sua namorada daqueles dias felizes, o seu amor dos tempos collegiaes? Joãozinho, ao repetir consigo mesmo aquella affirmativa, como para certificar-se do que lhe não parecia possível, acudia-lhe uma sensação a meio doce e acida, e era com uma inexplicável punção d'alma, a que se mesclava serena doçura recordativa, que o moço lembrava o dolorido e meigo perfil daquella que fôra na sua vida a primeira annunciação mysteriosa do desejo. Desenterrava-se da hypogéa sombria do que já não é, á luz merencória da saudade, tudo o que havia sido para elle aquella fruste idyllio de menino-moço. E, na nítida flagrância das ressurreições, destaca-se, entre milhares de impressões outras, aquella poderosa e viva lembrança da que o amara e fôra amada por elle, exhumada da sua cova funda e fria feita de tantos annos de separação e de olvido. Sentia-se feliz de poder evocar, na agitação da sua vida de agora, cheia de preocupações e desgostos, de ambições e prazeres, a doce figurinha daquella creatura, que julgara apagada na sua memória e que, ao invés, via surgir da camara-escura da sub-consciência, real e objectiva, como na mais palpável revelação

photographica. Já agora não a esqueceria mais — pensava, entre feliz e agoniado — pois tentaria, por seu sossego, esquecel-a e, obedecendo á lei mecânica do olvido, traçada por subtil psychologo, quanto mais se esforçasse por apagal-a da memória, mais nella a reavivaria.

Como comprehendia bem tudo o que ha de ephemero e fútil e inconsistente nos melhores episódios do viver! Como via, seguramente, a inanidade dos que se exgottam á procura da fortuna, deixando-a passar despercebidamente pela sua porta, para a irem buscar, em exhaustivo afan, longe de si! Aquelle amorico, discreto, de começo desconhecido até delles mesmos, sem uma scena violenta ou impressiva, todo apagado, e quasi incolor, lhe dera, entretanto, naquelle tempo, as mais ternas commoções, absorverá-lhe a alma e o sentimento, como, talvez, nenhuma das suas maiores paixões conseguiria fazel-o mais tarde. Quem se lembraria mais daquella curta novella sentimental, rosa de um dia, murcha ao vir da tarde, em plena florescência de uma primavera de carinhos?

O tempo e a distancia — prodigiosos factores erosivos na ordem moral — fôram lenta e insensivelmente consummando a obra do delimento daquellas impressões, muito vivas para duradouras. Um bello dia, notou Joãozinho que já lhe era possível falar de Nêna

sem trahir o antigo sentimento e trazer, no curso de uma palestra, a sua lembrança, o seu nome, como os de uma conhecida qualquer, pouco menos que uma amiga, pouco mais que uma indiferente. A ella, por sua vez, devera-lhe ter succedido o mesmo.

Contaram-lhe que chorara por sua causa mais de uma vez, de saudade primeiro, depois de magua pelo ver ingrato e esquecido. Nunca ella lhe havia escripto mas sempre lhe mandava lembranças em cartas alheias... . As noticias com pouco fôram enrarecendo, até de todo cessarem. Outros namoros, outras idéas deveriam ter soprado, levando, em rumos diversos, a frágil vela daquelle coraçãozinho de moça. Até que, agora, o barco leviano ganhava o porto, ancorava, com segurança relativa, na Bahia matrimonial, depois de muito velejar por mar em fora...

Doia-lhe certo travo de ironia que punha naquella emoção. Quisera-a antes pura e simples, mas não podia dissimular certo aborrecido desapontamento que lhe vinha de permeio a outras sensações. Era aquillo a vida — confessava-se com pesar — natural, correntia, sem situações trágicas ou lances dolorosos, um curtíssimo idyllio, simples e quasi casto, uma longa separação, saudades que outras sensações vão amortecendo, e, por fim, o esquecimento, apenas, de longe em longe, quebrado por alguma vaga lembrança que nada tinha

de dolorida, antes suave e boa, pois se tecia apenas do arrependimento de não ter de que sinceramente se arrepender...

Como se reconhecia tão diverso daquelle para quem só a idéa de partir constituía um supplicio sem nome, não se resignando ao pensamento de que apartar-se seria naturalmente e logicamente pôr fim ao seu amor! Fosse por que a planta, de tão tenra, não “pegara” ainda, no terreno mobil e superficial dos seus corações mal formados, fôsse porque essas flores quinzaneiras não costumam dar fructos — aquillo deveria ficar apenas o no que foi, no que ficou... Elle, entretanto, a amara verdadeiramente e aquelle affecto que soubera vencer, sem, experiência, todas as phases do crescimento, resistindo durante dois annos aos perigos da presença e da aproximação para morrer incompreensivelmente por obra da ausência — fôra uma das grandes e abaladoras crises da sua vida sentimental. E tudo que fosse evocar esse amor tinha, ainda hoje, para Joãozinho, uma doçura infinita, mixto de sonho e religiosidade, a que se entrecasavam as recordações carinhosas do seu primeiro lar. Nêna, que então desabrochava na alvorada púbere dos treze annos, era uma grácil menina, meiga e insinuante, daquellas a que bem se applica o conceito de um dos nossos clássicos “nem estatua nem diabrete”, vale dizer nem cheia

de fingida santimonia nem tão pouco azougada e ventoinha, como as pequenas muito *á la mode*.

Verdadeiro typo de provinciana, tímida e confiante ao mesmo tempo, Nêna fôra modelada á justa para ser o alvo da paixão ideativa e sentimental do rapazote que era então Joãozinho.

Tinha este, aos dezeseis annos, essa vaga intuição do amor que, nos jovens ainda preservados pela educação muito caseira, cria uma, verdadeira gymnolatria, culto sublimado da mulher, que só vem a desaparecer aos primeiros rudes contactos com a realidade. Como começara aquillo? Lembrava-lhe ao vivo todo esse delicioso período do noviciado do amor. Era ao tempo em que elle possuía uma alma virgem e cheia de illusões, amava os passeios pelo campo, encantava-se na leitura dos romances de Walter Scott e de Macedo, e vivia sonhando com Ladies Rowenas e Moreninhas, sempre á espera desse desejo imprevisto que levamos a vida a imaginar e nunca se realiza, porque está dentro de nós, quando o suppomos fora do nosso alcance, fazendo de uma sensação puramente subjectiva uma vaga aspiração objectiva... Bons tempos! Tempos da illusão florida — si pudésseis voltar por um dia, por umas horas que fossem! E Joãozinho compunha, na sua tela ideativa, o quadro saudoso daquella idade... Foram “os outros” que lhes fizeram

ver que se entreamavam. Um dia, de volta da missa domingueira, ouviu a uma pequena da vizinhança, repetidas vezes, em tom de brincadeira, o nome de Nêna... Sem saber explicar porque, corára e sentira-se vexado, estugando o passo para ganhar a outra calçada. A seguir, fôram os seus collegas, e as amiguinhas della que se encarregaram de os aproximar. Vieram indirectas, allusões, referencias que elle fingia não perceber, todo nervoso e vermelho, si, perto delle, alguém proferisse o nome de Nêna. De uma feita, foi num alegre convescote, na chácara, que alguém, á queima-roupa, lhe perguntou, numa hora em que se abstrahira em vago scismar muito daquella idade: “Está sentindo falta da Nêna, hein?” Embarçara-se querendo negar, mas confessando, no próprio enleio, que fôra comprehendido. Intimamente era-lhe sobremodo agradável ver que os demais já presentiam o seu amor. Então é porque elles se amavam devéras — pensava na sua lógica sentimental. Certo, si outros percebiam, com mais razão “ella”, o alvo daquelle culto silencioso, discreto, apaixonado. Perto de Nêna nunca se atrevera a uma liberdade, posto, quando longe, architectasse mil projectos de confissão, planeando abrir-lhe o coração sem reservas... A sua dilecção manifestava-se, entretanto, sem palavras, pelos olhares e sorrisos, pelos longos silêncios contemplativos, num êxtase

quasi mystico de devoção. Uma das suas recordações mais nítidas eram os brinquedos de prendas e os chás em casa de Nêna. No dia seguinte — em geral essas reuniões de família se faziam aos sabbados — não conseguia esquecer os mínimos episódios, phrases indiscretas, situações de doce constrangimento, como quando, por artes do próprio jogo de prendas, lhes occorria ficar um ao lado do outro. Andava a inclinação muito em principio quando, uma vez, no dia dos annos d'elle, improvisaram em casa uma dessas brincadeiras, a que Nêna estava presente. Casualmente sentaram-se juntos. Nada se disse, mas para Joãozinho aquella aproximação valia por uma doce cumplicidade. Foram alguns momentos ineffaveis de ventura, que elle não trocaria, naquelle tempo, por uma coroa de rei ou um cofre de milionário. Si um d'elles ia para a “berlinda”, para a “confissão”, ou para o “testamento”, era quasi certo ouvir allusões do outro, que recebiam constrangidos, mas com intima satisfação! Assim nas sortes de S. João, em que sempre os nomes lhe vinham entrelaçados de chistosos commentarios... Nos bailes era d'elles a primeira quadrilha — a dos namorados e, por vezes, a segunda, dos noivos e até a dos casados... Marcas de roda, poucas dançavam, porque Joãozinho, não as sabia bem e ella, posto valsarina de primeira, esquivava-se aos convites,

para o não aborrecer. Mesmo assim, quantas ciuçadas, quantos arrufos ás vezes de horas, outras, de dias inteiros e semanas, só porque um d'elles, num passeio ou numa procissão, se entretivera a falar com alguém ou porque fosse a um baile ou a uma festa a que o outro não comparecera! E não faltavam os enredos, os diz-que-diz-ques, os mexericos de lugarejo, a azoinar os ouvidos de cada um a respeito do procedimento do outro. Porque elle, vindo por certa rua, *queimara vários foguetes*, para ver alguém que estava á janella... porque ella estivera em casa de uma amiga junto com um primo da mesma, conversando muito tempo no portão... porque elle fôra a um “chinfrim” na Prainha, onde déra trela a uma lambisgóia que se vinha derretendo por quanto rapazote lhe estivesse ao alcance... porque ella tinha recebido umas revistas pelo correio, que diziam enviadas por um pretendente distante... Era assim um nunca acabar de questõezinhas, em que se lhes escoava o melhor do tempo e se lhes frustravam as mais propicias oportunidades de aproximação. De uma dessas vezes, alvo de accusações injustas, zangara-se Joãozinho e dispusera-se a finalizar aquillo de uma vez, quando, á noitinha, a encontrou á janella, como de costume, pallida, entristecida, olhos pisados e largas olheiras que lhe vinham no meio do rosto. Enterneceu-se ante aquella physionomia

abatida, denunciativa de mudo soffrer, de que sabia ser elle a causa.

E o namoro reatou-se de novo, não obstante os jurados propósitos que formulára todo aquelle dia. Nêna não teria sido, no rigor do termo, o seu primeiro amor. Antes de conhecê-la, outras leves inclinações talvez tivessem passado pela sua vida... Rápidas aventurezinhas furtivas, episódios sem alcance e sem continuidade, ligeiros peccados veniaes do coração... quem os poderia recompor e relembrar um por um e dizer, em consciência qual o primeiro ideal affectivo da sua vida?

Nêna, porém, fôra o seu primeiro namoro officializado e, reconhecido. Empolgara-o, alma e sentidos, numa obcecante preocupação, em que se absorvera e se mergulhara na delicia de um naufrágio procurado e consentido.

Já lhe não era possível, nos últimos tempos da progressão amorosa, passar um dia sem a ver, sem lhe, falar, sem lhe ouvir a voz deliciosa, ternamente velada e melancólica. Surgiu uma opposição da sua gente, a que parecia comprometedora a intimidade dos dois “crianças”, muito fora de tempo para cuidar em taes projectos de casamento.

As difficuldades, como sempre acontece, enrijaram-lhes

a tempera e, por pouco, fortalecendo-lhes o recíproco affecto, dariam resultado contraproducente. Tudo passou e, nos derradeiros dias antes da separação, foram felizes, de uma felicidade, igual e despreocupada, feita dessa uniformidade e monotonia deliciosa que deve ser a do paraíso.

Oh! como desejaram que a vida parasse ali, que o tempo encurtasse o seu correr, que os relógios todos do mundo tivessem vinte, trinta horas em vez das miseras doze, tão fugitivas, que lhes iam levando os sonhos, enquanto elles mais se abstrahiam no arroubo da ventura...

E, na onda envolvente das lembranças, ia-se-lhe a alma toda cheia de indizíveis doçuras, quando, de sopetão, o tilintar da campainha da porta o chamou á realidade. A realidade era aquella noticia de jornal, sêcca, sem maiores commentarios que os que lhe ia glosando a sua memória. Com que, então, Nêna se havia casado? Não seria a primeira, pensava, pois quantas outras das que se lhe prenderam, um dia, um mês, um anno, á vida sentimental, tinham dado esse mesmo passo, indo partilhar com outros estranhos o amor eterno que lhe juraram. E, porventura, não fôra elle mesmo o culpado, abandonando-as, esquecendo-as, trahindo-lhes os compromissos, num borboleteio de doidivas do amor? O fundo egoístico do seu ser, porem,

impedia, no momento, qualquer justificativa ao que lhe parecia a calculada ingratidão daquella a que tantas provas déra do seu querer.

Uma revolta surda lhe subia d'alma, em mal contido amargor. Ella não deveria ter se casado, deveria ter permanecido fiel ao culto postumo daquelle amor, que fôra um dia o grande, o supremo ideal das suas vidas entrelaçadas. Repugnava-lhe admittir aquillo que se lhe afigurava o mais odioso dos adultérios, aquelle que leva para o thalamo nupcial um coração desleal e peccaminoso, sob as apparencias convencionaes da virgindade. Porque não ficara ella, para todo o sempre, a Nêna que fôra o seu amor de quinze annos, pura, intemerata flor da primavera da sua adolescência? E já a imaginava gasta, cheia de filhos e rugas, aburguezadamente feliz e estupidamente esquecida do que fora o capitulo melhor da sua existência.

Era aquillo, pois, a vida? Ella, o seu grande sonho, a sua illusão sublime, a castíssima e redolente flor do seu ideal, fugia-lhe para se desfolhar, profanamente, nas mãos rudes e ignóbeis de qualquer amanuense ou guarda-livros que lhe assegurava, renda certa e um filho por anno...

Como seria melhor que essas flores ephemerhas do amor, delicadas, níveas, perfumosas, morressem no

hastil em que desabrocharam, a irem, produzir fructos pêcos e amargos de desillusão e de fastio!

E Joãozinho, em que ha um pouco de todos nós, encontrou-se, ao cabo de longa meditação, enxugando uma furtiva lagrima, enquanto nas mãos convulsas espedaçava uma folha de jornal, já toda amarrotada...

THEORIA DO IMPREVISTO

Il n'y a au monde de neuf e de charmant que
l'imprevu.

L. VEUILLOT

THEORIA DO IMPREVISTO

A Xavier Marques

Aquella menina do povo a quem o meu companheiro de passeio dirigiu um gracejo trivial, num sorriso de amabilidade, serviu-lhe de ensejo para discorrer longamente acerca do que elle chamava a sua “theoria do imprevisto”.

Se bem que elle fosse bastante intelligente para se attribuir um descobrimento em matéria de philosophia ou ideologia — ramos do pensamento humano já assás explorados — tenho para mim que nessa theoria curiosa, que o meu amigo com ardor defendia, havia muito de original e espontâneo, que bem se lhe poderia attribuir, sem favor, a paternidade de taes conceitos.

Como quer que seja (e isso pouco adianta ao assumpto) o meu amigo se achava naquelle dia muito loquaz, o que não era nelle natural, e quis a fortuna

que nos encontrássemos á porta do café que ambos frequêntávamos, elle sahindo e eu entrando, isto ali pelas seis horas de uma bella tarde de janeiro.

— Vem dahi, que eu preciso falar, disse-me elle, num tom entre imperioso e exorativo.

— Não vi por que deixar de satisfazer o seu desejo e, renunciando ao café, acompanhei-o.

Subimos juntos a rua Quinze, á hora em que as luzes se accendem e as costureiras saem das suas officinas. É essa hora um dos momentos psychologicos da vida urbana... Á scintillação das lâmpadas electricas, brilham as jóias, avivam-se as sedas, trespalam os perfumes nos mostruários elegantes. Os automóveis passam, cheios, e os bondes, ao den-den atordoante, rodam carregando gente até nos estribos... É a transição mysteriosa do dia para a noite, expressões que melhor se traduziriam, numa cidade grande, dizendo-se a mudança, a passagem do trabalho para o prazer. Recolhe-se, cansada, a gente do labor e sae, ruidoso e alegre, o pessoal do gozo. Fecham-se as fabricas e as lojas para se abrirem os Clubes e os cinemas...

Não sei bem si da hora, si de outra causa qualquer, Álvaro — demos-lhe um nome, que é ainda a melhor forma de identificar as pessoas — estava tagarela e disposto á palestra, quando, em geral, me

parecia retrahido e um tanto casmurro. Já notaste que os taciturnos, os de humor sombrio, como diziam os antigos, quando se abrem são justamente os mais expansivos? Pois regista mais este contraste da alma humana, tão cheia delles e excusa de felicitar-me a titulo desta investigação psychologica, pois lealmente t'ó declaro — leitor — ella não é minha, pois pode ser tua, e de toda a gente.

Álvaro achava-se nessa noite expansivo e um tanto tagarella.

Ao meu amigo incentivara-o por certo na sua facúndia algum facto que, eu desconhecia, pois todo effeito tem sua causa e eu via ali o effeito de uma causa que me escapava ao conhecimento. Pode ser que elle houvesse ganho naquelle dia no jogo (não sei si elle jogava) ou na loteria e também pode ser que elle tivesse visto a namorada. Tudo são conjecturas, hypotheses, probabilidades, mas, pensando bem, o que há neste mundo de positivo, em que não entre de collaboração a vaga possibilidade aventureosa?

Entramos a falar de uma companhia de operetas que se estreara no “Sant’Anna” e dahi discorremos acerca da moderna arte theatral e do talento das artistas contemporâneas. O meu amigo lembrou-se, com um suspiro arrancado *ex imo pectore*, dos dias da divina Sarah, lamentando que a idade e o tempo attingissem

as immortalidades artísticas, que, no seu entender, deviam ser eternas, como os mármorees hellenicos. Eu lhe fiz ver que o prestigio da belleza viva e do gênio humano está justamente na fragilidade e na sua contingência e que se uma deusa dessas que gravitam em torno de nós fosse destinada á vida eterna nesta terra nós acabaríamos aborrecendo-nos della. Dahi, eis a conversa recair sobre o eterno thema do amor, obrigatório assumpto em palestras de rapazes de vinte annos.

Foi então que Álvaro viu passar, perto dos Quatro Cantos, aquelle perfil esguio de cegonha, envolto em largo capote cinzento, os olhos vivos a brilharem como dois holophotes, á sombra de enorme chapéo...

— Lívido gênio da Noite, mysteriosa sylphide urbana, para onde te diriges, assim, nesse celere andar que é quasi um vôo?

Ella por certo não comprehendeu bem a phrase, em que havia resaibos intencionaes de preciosismo.

Mas esboçou um sorriso que era a mais eloquente approbativa ás palavras de Álvaro... Este pegou do sorriso, que era mais um envite, e longe de segui-o, entreparou e, num tom solemne de quem lança uma arrojada affirmação, me disse:

— Nunca vi esta moça... Mas o imprevisto deste encontro, o elogio trivial que lhe fiz e o sorriso com

que ella m'o correspondeu, valem todo um romance de amor. Em amor, meu amigo, como em tudo mais, pode crer que o que vale é só o imprevisto.

Estava lançada a these. O resto do tempo em que passeamos juntos, levou-o Álvaro a desenvolvê-la.

E o fez pela seguinte forma:

— O homem é naturalmente pela sua própria organização psychica, pelas influencias atávicas e muitas outras causas, um amante do imprevisto. Desde o espírito aventureiro dos piratas, caçadores do mar, e dos que se iam, oceano fora, em busca de novas terras e conquistas, até a alma utilitária do burguez de hoje, que se recusa a assistir uma peça de theatro porque, já a conhece, preferindo o imprevisto, muitas vezes peor, de uma peça desconhecida, ha toda uma successão lógica de factos, justificando, na continuidade através da Historia e da Vida, o estranho domínio do imprevisto sobre os humanos. Esse influxo a que se podem oppor os do receio, da prudência, da timidez e da desconfiança, sobrepuja a todos os mais, por ser o mais forte e absorvente.

O amor do mysterio e das aventuras discretas, o prurido de originalidade, que vae até a extravagância, a faculdade invencível nos homens de imaginação de sonhar o que não existe, tudo isso o que é senão variantes desse nosso extremado amor ao imprevisto?

Desde os mythos de Jasão, rumando á Colchita fabulosa e dos cavalleiros andantes á procura do San Graal até as expedições modernas de Cook, Amudsen e outros ao pais frigido dos polos, há a mesma febre do imprevisto e a mesma ânsia humana pelo desconhecido...

Por que nós amamos mais, — apesar de todas as vantagens burguezas da commodidade e aconchego domestico, da pacatez e egoístico bem estar que nos vão corrompendo e matando em nós todas as qualidades cavalheirescas de uma raça que descende de cruzados, navegadores e bandeirantes, — as aventuras e lances que nos vêm de surpresa, acicatando-nos a imaginação e o desejo?

É que todos nós temos um pouco mais da cigarra que canta, espancando o tédio das longas soalheiras estivaes, do que da formiga, provida, diligente e econômica.

Ahi está o motivo de guardarmos ao vivo, através do tempo, este ou aquelle episodio que nos feriu a imaginativa pelo inesperado e, ao invés, facilmente esquecermos factos que longamente esperamos e que perdem assim algo de sua valia nessa prolongada expectativa...

Tudo isso prova de sobejo que nós somos uns cultores fetichistas da religião do imprevisto. E o poder

do imprevisto é tão grande que os homens, desde as mais remotas eras e nos países mais diversos e através das mais dispares civilizações, têm tido esse fundo de religiosidade que, através das crenças diferentes, consagra o ignoto Deo, o imprevisto, o desconhecido, quer seja Jehovah, entre os raios corruscantes do Sinai, Ammon, em meio das areias da Lybia ou o Tonante Jove, na gloria do seu Olympo formidável...

Vivemos dentro do imprevisto, elle nos cerca, nos rodeia, nos empolga, nos absorve, nos subjuga ao seu império irresistível... Si se pudesse analysar e prever todos os factos humanos, com o rigor das leis mathematicas, os acontecimentos e as sensações, perdendo o seu imprevisto, se tornariam de uma estupidez monótona e exasperante.

O imprevisto nos enleia e perturba, mas por isso mesmo nos attrae e seduz. O imprevisto, é o sonho, que volteja em torno de uma probabilidade feliz que senão realiza; é o desejo que espera uma hora venturosa que nunca chega; é o véo do mysterio a envolver todas as nossas aspirações mais intimas, aquellas aspirações tão recatadas que nós não as confessamos *nem a nós mesmos*... Exigir que se não ame o imprevisto é arrancar da alma humana a ultima parcella de sonho que, nestes tristes dias decadentes,

ainda lhe resta, é tornar mais árido e mais Vasto esse Sahara de scepticismo que envolve os espíritos modernos...

As religiões, as escolas filosóficas, a própria sciencia, a arte mesma, nasceram do imprevisto e delle se alimentam. Nada como o incognoscível, o Mysterio, o Transcendente, para prender e encantar os humanos.

A Historia é toda uma seqüência de imprevistos que escapa a todas as leis que os sociólogos lhe têm procurado traçar: as crises mais tremendas, os mais rudes conflictos de interesses e paixões, encontraram a sua solução no imprevisto, no desvio das leis naturaes preestabelecidas, na substituição momentânea de princípios e factos já reconhecidos por um principio ou um facto inesperado e que não entrava na cogitação ou previsão dos contemporâneos.

O cavallo de Tróia está a repetir-se constantemente, sob formas diversas, na Historia...

Note que eu não considero o imprevisto uma excepção, e sim um elemento da regra que nos escapa, assim como o sobrenatural é para alguns cientistas apenas o natural que ainda não conhecemos.

Aqui na sciencia, então, é extraordinário o poder do imprevisto.

Os clássicos exemplos da maçan de Newton, da lâmpada de Galileu, e de Schwartz, procurando o ouro

quando descobriu a pólvora, são typicos para mostrar a influencia do imprevisto nos grandes descobrimentos scientificos.

Ainda agora se agitam os sábios em torno desses curiosos phenomenos que Richet agrupou sob a denominação de metapsychica, os quaes, fugindo a todas as leis naturaes conhecidas, parece pertencerem a uma classe de factos extranormaes e imprevisíveis.

Na Arte, o imprevisto é tudo. Delle vem a inspiração, o “sopro divino” dos theologos, o momento feliz do gênio que crêa e renova a visão esthetica da humanidade, seja um Homero, um Shakspeare, Buonarroti ou um Hugo.

Para dizer a verdade, o imprevisto domina toda a existência humana, dos que crêm e dos que duvidam, dos que soffrem e dos que odeiam, dos que sonham e dos que luctam...

O problema do além tumulo nos seduz e nos aterroriza pelo seu encantador e trágico imprevisto.

O destino humano corre entre mysterio e mysterio, do mysterio do antes de nascer ao mysterio do depois da morte.

Quem nos explica os factos mais simples e naturaes da vida?

A electricidade, o magnetismo, o radium, a natureza do sonho, a telepathia, são outros tantos problemas

que nem a physica, nem a biologia, nem as sciencias positivas poderão explicar satisfatoriamente.

Isso no domínio material; na esphera das sensações moraes, quem sabe determinar a causa do amor, do ciúme, do ódio, das antipathias súbitas, das, psychoses e neuroses que acommettem o homem inopinadamente? Aquelle immortal homem de letras que foi Guy de Maupassant, numa de suas paginas lancinantes em que já se entrevêm, sob as fulgurações do talento, os traços incandescentes da loucura, exclamou: “Nós nada sabemos, nada vemos, nada podemos, nada adivinhamos, nada imaginamos, somos encarcerados, aprisionados em nós”...

Tínhamos parado em frente ao edificio da “Brasserie”. Convidei o meu amigo a entrar e tomar alguma bebida.

Veio whisky...

A noite esfriara bastante e uma garoa finíssima começava a polvilhar por sobre a cidade. Quando sahimos — por volta da meia noite — Álvaro despediu-se de mim á porta, allegando ter um encontro marcado dali a pouco na Liberdade.

— Imprevisto é que não é por certo, disse-lhe eu, sorrindo.

— Não, meu caro. Mas, também, você comprehende,

toda regra tem suas excepções... Adeus... Olhe que me ia passando a hora.

Acompanhei-o com meu sorriso sarcástico, no qual procura fazer-lhe ver o grande e eterno contraste entre as theorias e a vida real.

E enquanto elle tomava o bonde de Villa Marianna, em busca do seu encontro, previsto e determinado, eu, que não sou apologista de imprevistos, ali me deixei ficar, sozinho, á espera, talvez, de algum delicioso imprevisto que me viesse, áquella hora de silencio e de surpresa.

AQUELLE HOMEM ESTRANHO...

“Yo he de morir — me digo — yo he de morir! y experimento entonces con una vivacidad espantosa toda realidad que hai en estas palabras”.

(AMADO NERVO — El miedo a la muerte)

AQUELLE HOMEM ESTRANHO...

A Medeiros e Albuquerque

Depois que acabamos de vestir o Luis e o pusemos sobre a mesa, aquelle homem estranho que eu notara desde que chegara, chamando-me de parte, levou-me até a um canto da sala e, como quem ansiava por desabafar-se, disse-me, a meia voz: — “O senhor não imagina o indizível horror que experimento só ao pensar que ha de chegar a minha vez, só de imaginar o meu dia... Já pensou nisso seriamente, convencido e certo, porque afinal é a única verdade que, infelizmente, não permite duvida?”

Eu que lhe estou falando, o senhor que me está ouvindo, havemos de morrer também, quer dizer há de nos succeder o mesmo que acaba de acontecer a esse seu amigo e isso mais cedo ou mais tarde, não sabemos em que circunstancias, mas fatalmente, inexoravelmente...”

Eu parei, quieto, sem responder, a olhar aquelle , homem desconhecido, quasi velho, de physionomia apagada e tristonha, que falava commovido de cousas tão tristes naquella sala onde acabara de morrer uma pessoa. Sentei-me a uma poltrona, cruzei as pernas, acenei-lhe com amabilidade que se sentasse numa cadeira ao meu lado. Elle agradeceu, não queria sentar-se e, de pé, perto da janella, continuou a falar e por muito tempo falou sem que eu o interrompesse, tomado da commoção violenta e indizível que me vinha das suas palavras e da singular estranheza que me causara, a sua intimidade, quando era aquella a primeira vez que nos víamos. De vez em quando, eu fazia um gesto, um aceno approbativo, um ar de espanto ou de benévola annuencia, como succede sempre nessas occasiões em que apenas um é que fala e o outro se limita a ouvir e concordar cerimoniosamente. O velho, encostado ao peitoril da janella que abria para a rua, tinha naquella hora triste e naquelle local por onde parecia ainda errar o sopro gélido da Morte, um ar espectral e macabro, que as suas palavras, proferidas num tom emphatico e lúgubre, concorriam para realçar ainda mais. Ouví-o, largo tempo, abstrahido que estava de tudo, a attenção abalada ainda pelo golpe que me trouxera a morte repentina do Luis, meu velho e excellente amigo: — O senhor é moço, disse o homem desconhecido,

e nessa idade não se pensa em. cousas tristes sinão por alguns momentos, sem se deter na analyse profunda, na torturada explicação dos enigmas da Vida. Ha sempre outras cousas para se imaginar quando se tem vinte annos e a vida parece ainda o começo de um sonho. Eu não tive mocidade... Sou um doente, um nevrotico, como hoje dizem, torturado, obsidiado pela idéa fixa da Morte. Sabe o que ha de fatal, de doloroso, nessa trivialissima expressão — idéa fixa? É uma idea que sobrepuja todas as outras, que absorve toda a actividade mental de uma pessoa, que se manifesta a qualquer hora, diante da sollicitação duma causa qualquer, duma allusão, ás vezes alheia áquelle assumpto, duma phrase solta sem a menor intenção, e que, entretanto, parece adrede lançada para avivar aquella lembrança, dum acontecimento que, directa ou indirectamente, se relaciona com o que vae pelo nosso cérebro — é uma idéa que destroe todas as melhores emoções, envenena as fontes do prazer, turva, de um travo de angustia, todos os nossos pensamentos...

Ha idéas fixas que, com o tempo, com o succeder de novas impressões, se modificam e desaparecem... Ha outras que se enraízam e, diante de certas circumstancias ou affinidades mentaes, despertam-se, voltam á tona da memória do fundo do sub-consciente em que dormiam.

A nossa consciência é como um lago misterioso, muito escuro e profundo, em cujo seio dorme tanta cousa de cujo existir nós mesmos, por vezes, não nos apercebemos. Não quero falar-lhe das diversas categorias de idéas fixas, já estudadas e catalogadas pelos psychiatras, desde os *tics* e cacoetes nervosos, obdecendo a certas solicitações morbidas, filhas de um terror supersticioso, diante de um mal que acarretaria o não fazer determinados actos, solicitações das quaes nos dá um exemplo Marcel Prevost, naquelle lindo conto “*Le Mendiant*” até a obsessão irresistível e dominadora que toca ás raias ainda não bem limitadas que separam a razão da loucura... Basta que eu lhe diga apenas que eu padeço ha muito de uma dessas idéas fixas.

Foi quando eu tinha quinze annos que ella se manifestou pela primeira vez em mim, de uma forma já bem caracterizada a ponto, que não permittia duvidas acerca da sua natureza.

Uma noite, accordando, contra o meu costume, notei em casa um reboliço extraordinário, que, desde logo, me attrahiu a attenção. Meu avô acabara de morrer, dum collapso cardíaco, que se declarara logo que elle se recolhera para dormir, e ia pela casa toda o um rumor abafado de choro e essa azáfama que

denúncia desde logo os preparativos do enterro, em toda a casa em que penetra a morte.

A principio, quizeram occultar-me a dolorosa verdade. Mas eu, por uma intuição natural, pois nunca vira morrer ninguém, comprehendí logo do que se tratava.

Não sabia sequer o que era morrer — falo-lhe com toda a sinceridade — mas senti bem, num rápido instante, tudo o que ha de terrível nesse curto epílogo, da tragédia humana. Vi que a morte era um acabamento, uma separação, uma cousa simples e inexplicável, cujo mysterio se me deparava maior accrescido, na minha imaginação infantil, pelo temor que nos desperta o problema inextricável do Além, como um legado hereditário que se transmite de geração em geração, através dos tempos e das civilizações mais diversas.

Depois, a hora, o imprevisto da scena, aquelles choros abafados na alcova meio escura, onde o corpo esperava na cama o arranjo da decoração funerária da câmara ardente, com a mesa, as cortinas pretas, as velas, as flores, o cheiro da cera e dos perfumes...

Eu senti desde essa noite, em que não pude mais conciliar o somno, que a idéa fixa da Morte me havia de perseguir para sempre, matando a minha despreoccupação, roubando-me as melhores emoções da vida, fazendo-me passar pela mocidade sem gozal-a e entrar

a velhice com este anseio, este temor angustioso que já nem consigo dissimular. É simplesmente horrível... E o mais horrível é que tudo isto parece inacreditável e a narrativa do que eu sinto produz nos outros a idea de um cabotinismo extravagante, pesando os demais que eu falo por me tornar original, sem que as minhas palavras reflectam um estado de alma real e sincero.

No entretanto, só eu, nas horas em que estou só, em frente a mim mesmo, sei o que ha de intensidade trágica no meu padecer mudo, nesta idéa que não me abandona sinão quando, raras vezes, consigo dormir. Tenho procurado todos os meios de esquecer, de distrahir-me, fazendo como os infelizes no amor, que buscam nas emoções mais esquisitas olvidar a sua desdita.

Até hoje, porém, nada consegui sinão torturar-me ainda mais, como quem, debatendo-se para sahir da água morta de um pântano, sente, a cada esforço, a cada braçada, aprofundar-se ainda mais na leziria. Recorria ás commoções suaves e puras que encantam a alma como um esfolar de plumagens macias e cariciosas, ao amor simples, natural e cantante como as águas da serra e, como não me satisfizesse, fui-me, empós das emoções fortes, violentas, que ferem a sensibilidade como garras aduncas e cuja dolorosa volupta de parece anesthesiar as fibras emotivas... Consegui apenas momentâneos instantes durante os quaes

a illusão de ter esquecido me empolgava numa alegria fugitiva. Passada a vertigem, a illusão desaparecia. Ha uma fatalidade na vida, a fatalidade do soffrimento e eu sou uma victima della.

Soffro do terror invencível é mysterioso da Morte.

Não é só este prazer de viver, este delicioso habito que nos prende á existência, que me faz estacar horrorizado diante da idéa da morte.

É, no fundo e em synthese, a idéa de morrer, que me apavora — nada mais. Morrer, desaparecer, acabar para os mais, deixar tudo isto, esta encantadora monotonia que é a vida, não ver mais, não sentir mais, não gozar nem soffrer como os outros que ficam — comprehende o senhor? — é isso que me aterra no pensamento da Morte.

Já pensou alguma vez, a serio, na morte? Já imaginou o meu amigo que um dia, distante ou próximo, há de passar por esse supremo transe que ninguém pode imaginar qual seja? O senhor que é hoje um moço, forte, cheio de saúde e de alegria, crente no amor, esperançado no futuro, ha de — Deus sabe quando! — ficar como o seu amigo ali está, estendido na cama, frio, inerte, rígido, morto! Já pensou que ha-de passar, como todos, por aquelles curtos instantes de ânsia — a horrível ânsia cuja intensidade ninguém conhece — a

hora trágica da extrema agonia? E isso de qualquer forma, seja a sua vida mais feliz, a mais deliciosa possível, seja ella um martyrio constante, seja o senhor um millionario ou um *paria*, um homem de bem ou um bandido, quer o senhor ame ou odeie, soffra ou goze, vença ou seja vencido — por que isso é o Inevitável, é a verdade das verdades.

Há de passar porque todos os que vieram antes passaram e todos os que virão depois hão-de passar, pois que agonia e a morte são o complemento natural da vida, como o crepúsculo e a noite são o termo fatal dos dias, isso desde os primeiros tempos da vida sobre a terra, quando o sol era novo, e os primeiros casaes arrulhavam os primeiros beijos, até os últimos tempos, os dias da decadência que se aproxima, vertiginosa, para a humanidade.

E ninguém se explica o que será esse definitivo instante da “grande passagem”, pois ha uma vasta escala de probabilidades, desde as arrojadas hypotheses que a phantasia, baptizada com o pomposo nome de sciencia, architecta, até as grosseiras versões fetichistas, e ninguém sabe onde melhor se deter. Será uma leve transição, como a da vigília para o somno ou um espasmo violento, abalando, em trismos, todo o organismo, ou uma outra sensação, incomprehensível para nós que vivemos?

Tortura-me imaginar que terei que passar por esse macabro ritual da Morte, representando-me que os mortos, sentem, uma sensibilidade como a dos somnambulos, como a que se opera nos que, embora dormindo, continuam a realidade nas apparencias illusorias do Sonho, num prolongamento anímico da vida... Debalde procuro rir-me dessas incoherentes theorias, convencer-me de que aquella matéria inanime é, por si mesma, destituída de capacidade para perceber e sentir o que se lhe passa em torno...

Ser vestido de preto, ficar sobre uma mesa, ao centro de uma sala decorada de lucto, entre quatro velas, um crucifixo á cabeceira, todo um dia ou uma noite, e todos os amigos, conhecidos e desconhecidos, virem ali para ver-me, e, ao depois, mettido entre as taboas estreitas de um esquife, conduzido ao cemitério, enterrado ao fundo tenebroso de uma valia humida, e ali ficar, para todo o sempre, solitário e abandonado, naquelle vasto campo deserto, onde cada cruz assignala uma vida extincta, entregue aos vermes e ao esquecimento...

Eu penso sempre, ao voltar de um enterro, na profunda melancolia que suggere um fim de tarde de outono, no campo santo, depois que todos voltam de novo á vida que continua e o morto ali fica, só, inteiramente só, — que ali não ha amor terreno, por mais forte,

que o acompanhe — e até o coveiro, governador macabro dessa cidade da morte, se retira, fechando atrás de si o portão de ferro.

O vento frio desfolha as casuarinas e põe um gemido de dor humana na folhagem dos flamboyants e acácias que se, alinham nas alamedas largas e solitárias. E, dentro em pouco, principia a cair o grande mysterio da noite. O sereno frio orvalha as *bôas-noites* que enfloram os túmulos e elles, os mortos, ali ficam, sob o luzir frouxo das estrellas e as caricias do luar tristonho... Já conheci uma pessoa que tinha um horror enorme de ser enterrada viva e recommendava sempre cautelas com relação á sua inhumação... Eu admirava-lhe a apparente tranquillidade com que se referia á certos pormenores que me causam horror...

Conheci também uma mulher, nova e bonita, que morreu tuberculosa um anno depois de casada. Dizia sempre que o seu maior pesar era que o esposo ficasse. Egoísmo desesperado do amor! Pensava naturalmente que elle, ainda jovem e forte, iria breve esquecel-a por outras e essa espécie de ciúme posthumo era a causa do seu maior soffrimento. Este facto dá bem a idea dessa sensação esquisita de que ha pouco lhe falei: o horror que desperta no que vai morrer a lembrança de que tudo continua e elle desaparece, morto para tudo, para as cousas boas e dolorosas da vida. Sem

elle, nada, entretanto, se alterará, na harmonia da vida, como uma folha que tomba, ao vento frio do outono, não destroe a esthetica vegetal da arvore...

A vida continua palpitar e a arder; nos éstos do sangue, na vibração dos corações, no amor, na esperança, no desejo, que, como doces miragens, vão alentando os que ficaram. É triste, é inconcebível essa renuncia, porque é o desprendimento de tudo quanto constituía a razão de nosso viver terreno. E dizer-se que também eu tenho de morrer! Mas não pode ser, ninguém foi perguntar-me, no nada onde eu pré-existia, se eu queria viver, vir a este mundo para soffrer e depois ter de deixal-o irremissivelmente!...

Olhe o senhor lá defronte, do outro lado da praça, aquelle par de namorados que se entretêm em animada palestra.

Faz um luar admirável e elles vieram passeando de vagar até aqui, falando dos seus amores e dos desejos que lhes faíscam nos olhos... São tão lindos, tão novos, tão ardentes! Elle parece um galan na sua larga capa romântica, chapéu desabado, physionomia viva e insinuante; ella é uma gentil miniatura de mulher, typo esbelto, um todo Renascença, diríeis uma estatueta apanhada numa ruella medieval de Florença ou de Piza.

Julgam-se inteiramente felizes, não lhe passa pelo pensamento que hão de morrer e que, por mais que prolonguem a illusão da felicidade, que procurem prelibar todo o prazer da vida, não fugirão á dolorosa fatalidade do fim... São tão lindos e amantes... Qual delles morrerá primeiro? A esta hora o amor faz a sua ronda e a morte a sua colheita sinistra.

Leopardi — o genial poeta da Dor — bem razão teve de comparal-os, esses dois pólos da emoção humana — o Amor e a Morte — cujo cenário é o mesmo, berço é tumulto, começo e fim da Vida, alvorada e crepúsculo, igualmente misteriosos.

A Morte... Vejo-a em tudo, persegue-me como uma allucinação, em toda parte, nos gemidos dos doentes, num carro da Santa Casa que se cruza commigo na rua, no silencio impressionante do meu quarto, a horas mortas, até na expressão mórbida com que me fitam certas pessoas... Olhe. Chegou o empresário, vai tirar a medida do caixão. Daqui a algumas horas, o que restará do Luis ?

Desapparecida a sua presença objectiva, remanescerá apenas essa vaga lembrança que, breve, se apaga.

Quem se lembra da morte de uma pessoa, occorrida cem annos atrás, em 1829?

Todos os desse tempo já morreram também :

cem annos, um nada no tempo que corre, levando vidas na correnteza da morte.

Há no sertão, pelo nosso interior, um rio que acode pelo nome original e suggestivo de rio das Mortes...

Não deixa de seduzir a imaginação a vista desse rio soturno e melancólico, naquelle sertão mysterioso e inexplorado, habitado de tribus indígenas desconhecidas, alheias ao contacto dos civilizados... É nessas paragens que elle rola, entre a melancolia demtorno, as suas águas profundas... Pelas suas margens, raro em raro, malocas de selvagens se entrecasam ás lúgubres taperas, que attestam a presença dos brancos, em éras distantes, nas florescentes povoações dos Araés.

É o rio das Mortes...

Eu vejo nelle a imagem desse outro rio enorme, cujas nascentes e confluência ninguém conhece, que vem das épocas mais remotas do passado e vai para os tempos mais afastados do futuro, rio feito de todas as vidas humanas que desapareceram na grande voragem, no vórtice supremo da Morte.

Ah! quem pudera fugir ao arrastão lento dessa insensível corrente que nos leva, frouxa, fraca, mas irresistível!

É a própria vida que nos leva... São o amor, as emoções, as alegrias intensas, as tristezas prolongadas,

que vão cavando, solapando aos poucos o organismo, mais que todos os micróbios, pneumococcus e bacilos das enganosas e falliveis theorias médicas...

O senhor tem alguma namorada? Ame-a, seja feliz, mas não se lembre nunca, ao estreital-a ao seio, que ali vai o vírus da morte, o delicioso veneno do amor que prolonga a raça e a extingue, nessa dupla função de renovamento.

Mas a mocidade nem pensa nessas cousas.

Olhe. Estão a chamal-o. Ali dentro, na alcova

...

É a mãe do seu amigo. Quer-lhe dar alguma incumbência para os preparativos do enterro...

Quando voltei, dali a alguns momentos, o velho estava de pé, ao lado da janella, a olhar ainda a praça já deserta.

— Linda noite! disse eu, querendo dar outro rumo ás idéas do pobre homem, obcecado pela idéa da Morte.

— Sim... Linda noite para os que amam, triste para os que morrem... Deve ser muito tarde, não?

Um relógio, como respondendo á pergunta do meu interlocutor, bateu, no silencio adormecido da sala, as doze pancadas da meia noite...

Pedi licença para sahir afim de providenciar os convites... E, pela rua silenciosa, uma vaga tristeza

me tomou, ao recordar as palavras daquelle homem estranho — figura mysteriosa que evocava as criações phantasticas de Poe e De L'Isle Adam — e me punha mentalmente, a interrogar-me si eu tinha estado a conversar com um philosopho ou com um louco — sem que pudesse responder satisfatoriamente áquella dúvida...

A LIÇÃO DE MIMI

Qui parmi nous n'est pas un "homo duplex"? Je veux parler de ceux dont l'esprit li étê dès l'enfance *touched with pensiveness*; toujours double, action et intention, rêve et réalité; toujours l'un nuisant a l'autre, l'un usurpant la part de l'autre.

(BAUDELAIRE — L'art romantique — 423)

A LIÇÃO DE MIMI

A Affonso Celso

Frederico, ou Fritz, como em família era conhecido, recolhera-se cedo naquele dia.

Contra o seu costume, as irmãs o viram chegar logo depois das 5 horas, na disposição de quem não pretende mais sair.

A tarde de Outubro, de uma doce temperatura, como que attrahia a longos passeios, sob um céu luminoso e sereno, num desses magníficos poentes do verão cuyabano...

Convidado pelo seu grande amigo Camillo, Frederico andara, quasi toda a tarde, a pé, pelos arrabaldes mais distantes da velha cidade sertaneja. Tinham saído pela Mandioca, corrido, successivamente, os bairros do Rosário, Areão, Bahú, voltando pelo Bosque e pela Boa Morte reentraram na zona urbana.

Pouco habituado a longas caminhadas, pois os seus

passeios suburbanos eram feitos, quasi sempre, a cavallo — no seu esplendido alazão marchador — o pobre moço sentia-se, ao voltar para casa, extenuado e maldizia intimamente a extravagante lembrança que naquella tarde tivera o seu velho camarada.

Positivamente, fôra uma grande estupidez a sua em perder tanto tempo a perambular por essas ruellas sujas, cobertas, de mattagal, de casinhas pobres e rudes bibócas, mais dignas de boschimanos que de gente civilizada... Mal empregara a melhor parte do dia, (e logo um sabbado!) quando poderia ter ficado no “Sargentini” jogando o seu bilhar com o Antunes, que, na véspera, o desafiara para uma partida sensacional ou, á porta da “Pharmacia”, no seu “cavaco” habitual, vendo as moças passarem no flaino, para as compras ou para o cabelleiro... No, entanto que assim pensava, Frederico tocara a roupa de casemira cor de havana, depondo sobre a mesa a carteira, o relógio, o pacote de cartas que esquecera de deitar no correio e o ramo de flores — umas lindíssimas parasitas colhidas no jardim do Cel. Polydoro — e, mettido em pyjama e sandálias, punha-se á janella, num espreguiçar indolente de visível apathia. O tempo embruscára, repentinamente, numa dessas transições rápidas, muito communs na estação chuvosa. Pôs-se o rapaz a olhar, abstrahido, o largo em frente, quasi deserto

áquella hora calma do entardecer. Uma rajada de vento forte varreu, de um extremo a outro, a praça vastíssima, erguendo as folhas seccas das mangueiras, que ficaram largo tempo, a revoltear no espaço. Grossas bagas de chuva começaram a cahir do céu que, em poucos instantes, perdera a sua serenidade, tornando-se plúmbeo, carregado, caliginoso... Um raio riscou, num ésse, as nuvens escuras, acompanhado logo do surdo ribombar do trovão, echoando, ao longe, nas quebradas do morro. Com pouco, outro e bem diverso, era o aspecto da cidade. Raros transeuntes passavam, correndo, á beira da calçada, evitando o jorro d’água que, forte, escorria dos telhados lavados e vermelhos.

Pelos regos e sargetas, a água deslisava, em grossos ribeirões de improvisado surgidos, e a enxurrada crescia, de uma cor escura e lodosa, vinda dos bairros mais altos, demandando a Prainha distante... Uma velha da vizinhança passou, ás mãos arrastando a netinha, saias arregaçadas, a clamar contra o tempo, em rudes improperios de ralé. Mas, como essas rápidas borrascas que assignalam a entrada das águas no sertão matogrossense, aquelle aguaceiro de Outubro cedo diminuíra de intensidade e, cessada a chuva, o firmamento se desanuviara e a calma vespertina enchia de novo a natureza tropical. Pelos regos a água corria ainda e das gotteiras respingavam as ultimas gottas

de chuva e já o sol novamente dardejava os seus raios sobre a beleza da paisagem luminosa e agora mais cheia de encantos e frescura, após a chuva. Um bonde, de cortinas descidas, sem passageiros, passou, apitando estridulamente. O tédio, profundo e invencível, que antes o tomara, voltou de novo a invadir a alma de Frederico. Baixou as persianas e, num grande suspiro, deixou-se cahir numa cadeira, ao lado da mesa, atulhada de livros e revistas. Cerrou os olhos, cruzou as pernas e, num longo bocejo quedou-se a pensar, longo tempo...

•
••

Moço, bonito, rico e talentoso, Frederico não era feliz. Aquelle jovem offerencia aos curiosos investigadores de almas um caso de psychologia muito interessante, si bem que mais commum do que possa parecer.

Criado até moço num ambiente exclusivamente familiar, entrara, aos 17 annos, para a vida, muito ingênuo, crédulo e cheio de illusões.

Aos 17 annos, fez-se poeta e amou. A sua educação retrahida, o seu temperamento nervoso, fizeram-n’o profundamente affectivo e sentimental. Vasou em longos versos, ardentes e sinceros, a sua paixão

de mancebo. Amava, através das suas poesias; fazia versos, através dos seus amores. Enthusiasta e crente, embriagou-se no falerno dulcíssimo daquela paixão de adolescente, que lhe nascia com o buço, com os espinhos e com as esperanças púberes. Tímido em excesso, como todos os sentimentaes, derivava a sua paixão para os versos e paginas de prosa candente com que enchia cadernos e cadernos de papel almasso, que, ao depois, escondia avaramente ao olhar vigilante dos seus. Penetrou encantado nessa quadra rósea da vida que, talvez por ser tão breve, é a melhor de todas, estação florida cujas curtas horas de encantamento fugidio nos enchem toda a mocidade e até a velhice de um aroma vago e delicioso de saudade infinda... Amou, como nos romances que lhe enchiam as estantes e lhe povoavam a mente encandescida, e julgava-se Werther perto de Carlota, Paulo junto de Virginia, Romeu ao lado de Julieta, Lauro, o “Moço Louro” em frente da romântica Honorina. A gentil moçoila, — digamos antes menina, que ella estava ainda “naquella idade inquieta e duvidosa, que não é dia claro e é já o alvorecer” — que, na sua imaginação romanesca, desempenhava, alternativamente, todos os papeis de todas essas e mais outras heroínas de romance, era sua prima, tinha menos 3 annos do que elle e uma formosura digna de inspirar um poeta começante...

Morena, mais baixa que alta, olhos negros e vivos, com as clássicas olheiras, lábios carnudos e húmidos, longos cabellos escuros, um sorriso fatal, uns modos românticos, com certo ar de mollesza, que parecia estudado — um typo, enfim com havia muitos na sociedade daquelles tempos em que as moças liam Casimiro e dançavam a polka nos bailes de intimidade. Hoje lêem romances de Prevost, dançam o *fox-trot*, amam por atacado e, si, por vezes, lhes apparecem olheiras, são devidas ao abuso do bistro... Chamava-se Graziella, um nome sublimemente romântico, cheirando a Lamartine, cheio de suggestões a 1830... Aquelle idillio durou seis meses, custou-lhe duas caixas de pennas Mallat e umas três resmas de papel almasso... O amor é cousa muito relativa, na duração como no custo. O da Marcella por Braz Cubas durou mais e custou mais caro... É verdade que Braz Cubas, o protagonista de Machado de Assis, não fazia versos, nem Marcella era um typo á romântica. Amaram-se de outra maneira bem diversa, o que não impediu o nosso grande ironista de chamar áquillo “capricho juvenil”. Mas, voltemos ao nosso heroe. Ao primeiro outros idillios se succederam, cheios de interessantes episódios que não vêm ao caso narrar... Logo, atirado de chofre e sem o necessário preparo, ao turbilhão da sociedade mundana, Frederico comprehendeu que a vida era

bem diversa dos romances, pelo menos daquelles que tinha lido, e que, nos círculos elegantes, não há Lauras nem Marilias, Petrarchas nem Gonzagas, e sim moças casadoiras e rapazes namoristas. Com a, sua facilidade de adaptação, devida em parte á sua índole tímida e submissa, não lhe foi difficil modificar os hábitos antigos e transformar-se do rapaz apaixonado e sincero no manequim frívolo dos salões, ao gosto do seu tempo e do seu meio. No entanto, aquella contra-facção a que se via obrigado doia-lhe no intimo, d’alma por ser uma attitude forçada e em desaccordo com as suas mais enraigadas convicções e os seus mais íntimos, sentimentos. A sociedade de hoje não comprehende, não pode comprehender esses doentes da sensibilidade, esses nevrosados que, aparentemente, são como toda a gente, riem, gozam, divertem-se, nos salões e nos clubs, mas no intimo na solidão, do seu interior, face a face com a sua consciência, sentem a corroer-lhes, como o abutre do Cáucaso espicaçando as carnes de Prometheu, esse mal intangível e atroz que nasce do disequilíbrio entre a imaginação e a realidade, do contraste entre *o deve ser e o que é*... Frederico era um desses doentes a que nem a cura ou relativo conforto é dado pretender, pois lhes é impossivel o palliativo de uma confidencia, que os tornaria objecto de risotas, nesta sociedade que creou o

pudor da virtude, hypocrisia do vicio, — fazendo que se occultem, como vergonhosos, os bons sentimentos e se estadeiem, como fóros de bom tom, todas as torpezas e aleivosias imagináveis. Ali, naquella cadeira, a cujo leve balanço sentia, penetrar-lhe um langue e invencível torpor, Frederico repetia mentalmente as palavras de Alceste, na comédia de Moliére:

... ..et je hais tous les hommes:

Les uns parce qu'ils sont méchants et' mal-faisants,

Et les autres, pour être aux méchants complaisants.

Vinha-lhe instintivamente um asco de tudo, um tédio mortal, absorvente, irresistível. Sentia-se muito sceptico e mau. Horrorizado de si mesmo, lembrava a prodigalidade como que esvasiara, a mancheias, todos os thesouros de crença, de bondade e de virtude que trouxera do berço, a ponto de se ver, em plena mocidade, mais descrente e a alma mais vasia e nua que, a do velho Fausto da lenda immortalizada por Goethe. E elle só lhe faltava chorar, Áquelle coração educado entre os arminhos da pureza e do bem repugnavam a torpeza e a villania do mundo em que era obrigado a viver. Transigia, entretanto, com os seus escrúpulos, afazendo-se á vida social, frívola e corrompida, na qual, em certas horas, se sentia tão bem como

qualquer desses elegantes peralvilhos nella nascidos e criados... Nessa extranha duplicidade moral, que lhe fazia lembrar o caso psychologico de Greslou, o “Discípulo” de Bourget, Fritz se deixava ir vivendo, mau grado a si mesmo, ora desfructando os tóxicos deleites do mundanismo, para, logo após, amaldiçoal-os, nas suas sempre renovadas crises sentimentaes. Ahi está por que, moço, bonito, rico e talentoso, Frederico, como acima ficou dito, não se considerava feliz.

•
••

No relógio de bronze, sobre a secretária, soaram seis horas. Fritz chegou de novo á janella. Anoitecia. A rua animava-se aos poucos. Passavam famílias para as novenas do Rosário... E, longe, no silencio recolhido do crepúsculo, o sino vibrava, enchendo o ar de sonoridades melodiosas, na melopéa nostálgica do angelus vespertino. Súbito, alguém descerrou lentamente a persiana da porta e, pé ante pé, penetrou no quarto meio escuro. Frederico voltou-se e viu a Mimi, uma garotazinha da visinhança, que sempre o procurava, attrahida pelos seus agrados e pelos confeitos com que lhe satisfazia a gula de creança...Entrando,

com a semcerimonia de quem o faz em casa própria, a pequena se pôs a folhear umas revistas esquecidas sobre o criado mudo de mármore rosa.

— Que é lá isso? gritou-lhe o moço. Largue as revistas que você vai rasgal-as...

Mimi, deixando as illustrações que folheava, dirigiu-se para o divan cor de canella, forrado de velludo escuro, onde uma bella almofada, bordada a ouro, lhe attrahiu logo a precoce curiosidade de mulher, em que o luxo e a riqueza sempre despertam sensações extranhas...

— Isto é novo aqui, pois não é? Disse ella, estendendo as mãozinhas buliçosas para o objecto que lhe aguçava a infantil cubiça.

— É, mas faça-me o favor de lhe não pôr essas mãozinhas de Borrallheira.

Effectivamente, a almofada viera para ali na véspera, como presente de uma família amiga, pelo seu anniversario. Já Mimi, devagar, surda ás advertências de Fritz, se abraçara ao rico presente e, em pequenos gestos felinos, acariciava com as mãos, ambas a desejada almofada... Os seus olhos, cheios de uma bregeirice indefinível, insinuavam-se á procura dos olhos do rapaz, numa inspecção cautelosa, numa verdadeira analyse interior, a sondar-lhe, talvez, os sentimentos mais reconditos. Vendo-o quieto agora, a fital-a, num

mixto de severidade e ternura mal velada, animou-se a formular o pedido que, há momentos, já lhe adejava, borboleteando, á flor dos lábios:

— Fritz, você me dá esse *travesseirinho* para mim?

Você está louca, minha filha. Isso é presente e presente não se dá, que tira a sorte...

Usava assim de um ardil para não negar redondamente, pois de todo não lhe era possível acceder á supplica da pequena Mimi. Mas esta não se deu por vencida assim com as primeiras razões. Insistiu; já choramingando e, procurando ageitar-se no cõllo de Fritz, passando-lhe o bracinho pelo pescoço, numa caricia lenta... Frederico sentia-se fraco, impotente, sem vontade própria diante da insistência daquella menina. Acudia-lhe a sua vaga ternura sentimental de outros tempos e via, na pessoa de Mimi, aquella graciosa creatura que amara, um dia com todo o ardor do seu coração jovem e apaixonado... Graziella seria um pouco maior que Mimi, mas no typo, nas maneiras, sobretudo no olhar, ambas se pareciam immensamente. Frederico hesitava. Uma idéa lhe voltejava agora no cérebro convulsionado. Si pedisse áquella menina e della obtivesse um beijo, o grande, o mysterioso beijo amoroso que *a outra* lhe não déra, pois, na castidade daquelle idillio, adolescente, jamais a teve nos braços nem pousara de leve a flor dos seus lábios na polpa

vellutinea da sua bocca virginal... Si Mimi — evidentemente uma precoce, com os seus 10 annos viçosos — lhe desse agora o beijo que a Graziella nunca ousara pedir? . . Cerrou os olhos, numa vertigem, numa aura de desejo que o invadia. Aquelle beijo virgem teria, talvez, o dom de regenerar-o e de proporcionar-lhe o supremo prazer da vida... Mimi, perante a sua hesitação, sorria, julgando-se já dona da almofada appetecida. Cada vez mais o pobre moço se conturbava, num verdadeiro delírio. Não seria profanar sacrilegamente aquelle amor — o único ideal que na sua vida existira — emprestar-lhe aquella sensação de um gozo comprado, de um beijo haurido a custa da innocencia ou do interesse? Mas já não estava em si conter-se e exclamou:

— Dou-lhe a almofada, mas com. uma condição...

— Qual? perguntou a bregeira, abrindo mais os olhos e ensaiando o mais doce dos seus sorrisos.

— A de você me dar... um beijo...

Falou aquillo com uma timidez e um enleio taes como si tivesse em sua presença não a garotazinha da Mimi, afeita a subir-lhe pelo cóllo para lhe apanhar os caramellos, mas, sim a authentica e verdadeira Graziella dos seus primeiros devaneios de moço enamorado. Mimi, que já estendia as mãosinhas morenas para apanhar a almofada — fácil presa conquistada

pela sua habilidade — corou vivamente e, franzindo os supercílios finos, deu ao seu rostinho de criança travessa uma profunda expressão de seriedade que, jamais, Frederico pensara poder nelle descobrir:

— Não, Fritz... Toma, então, a sua almofada. A mamãe ainda hontem ralhou muito com a Célia, minha irman, por, ter dado um beijo no namorado. Ella disse que as meninas sérias não devem dar beijos aos rapazes...

Desarmado com aquella resposta, profunda de sincera honestidade, nunca por elle prevista numa garotazinha, criada ao Deus dará, pelas ruas e praças da cidade, Fritz sentiu um profundo abalo interior. Perdia a melhor, a única oportunidade que o acaso lhe deparára de haver, embora numa outra bocca, o beijo virginal de Graziella... Mas, em compensação, encontrara adiante de si esse espetáculo, sempre delicioso e agradável para as almas bem formadas, da virtude e da honestidade... Intimamente reconhecia que aquella pequena, na sua meia ingenuidade, valia muito mais do que elle. Sem saber o que fazia, num gesto quase machinal, levantou-se e tomando a rica almofada entregou-a á Mimi, que a recebeu espantada e attonita.

— Então, é minha?

— Sim. Leva-a... Você a merece. Você vale muito, porque me deu uma lição pela qual eu fiquei

compreendendo que, na alma de uma menina, pode existir muito mais nobreza e virtude do que na de todas as grandes damas da sociedade...

— Mas, então, concluiu a travessa Mimi, na sua terrível lógica infantil, as damas da sociedade teriam

trocado a almofada pelo beijo que você me pediu?

— Não sei, minha filha... Mas quem sabe lá si não trocariam?

ENTRE VELHOS AMIGOS
ou
DA PHILOSOPHIA CONJUGAL

Por certo que não ha de ser a mulher escolhida, pelos anéis que trazer nos dedos, nem pela graça que tiver nos olhos, como os mais dos homens costumam...

(DIOGO DE PAYVA DE ANDRADA —
Casamento perfeito, 136).

ENTRE VELHOS AMIGOS

A Christovão de Camargo

Convidei-o a sentar-se, offereci-lhe um charuto e enquanto elle, refestelando-se no divan, mordicava a ponta do havana rescendente, atirei-lhe, de chofre, a pergunta que desde o nosso encontro me preocupava o espírito curioso:

— Como foi isso? Você não pensava absolutamente em casamento quando sahi daqui o anno passado...

Heitor sorriu ante a minha indiscreção de velho amigo, provocando-lhe uma confidencia que a nossa intimidade autorizava e, num gesto demorado, cruzando sobre os joelhos as longas mãos fidalgas, numa das quaes luzia um solitário ao lado da larga alliança de ouro, disse-me:

— Vou lhe contar tudo, mas passe-me os phosphoros.

Dei-lhe a phosphoreira e me dispus a ouvi-lo, sentando-me a seu lado.

— Imagine você — começou o meu amigo, na sua voz grave que, mesmo a dizer banalidades, era sempre solemne, — que eu até aos trinta annos nunca tive uma paixão. Tivera, sim, ligeiros caprichos, desses que nos despertam os olhares de uma pequena viva e intelligente que, num salão, nos attrahe pela graça da sua. physionomia, pelo artístico do seu vestuário ou pela gentileza das suas maneiras. Mas ha uma grande differença entre esses *flirts* de sociedade, discretas manifestações de um desejo bastante educado para se deixar revelar e a paixão, o amor, qual nol-o pintam os livros e nol-o faz conhecer um dia a vida, a realidade. Pois fique sabendo que Dóra foi a primeira mulher que me apaixonou. E isto pura e simplesmente, porque ella chegou no momento justo em que eu me achava mais apto para apaixonar-me. Ah! meu caro! em amor, como em tudo mais, sou um determinista, e prendo-me á contingência irresistível da occasião. Antes de Dóra, vi muitas mulheres e meninas mais bonitas do que ella, mais graciosas, direi mesmo mais attrahentes; nenhuma, porém, me impressionou e seduziu como essa esbelta creatura, fria e esgalgada, de olhar intelligente e sorriso vago, a lembrar essas velhas e suggestivas estampas inglesas de ladies deliciosas

e cheias daquella vaga bruma que fluctua nas margens do Tamisa... Dóra veio encontrar-me amadurecido para o casamento. Vinte, trinta vezes me haviam dito os meus amigos e até mesmo as minhas amigas: — “Heitor, é tempo de você se casar”. Eu, porém, não via absolutamente tal oportunidade. Aos trinta annos, com algum dinheiro, uma concepção meio sceptica da vida e uma relativa cultura, é claro que nada me encaminhava para o porto matrimonial, antes todos os remos e toda a correnteza estavam a me arrastar para outras paragens: Contribuía ademais para o meu absentismo amoroso este temperamento calmo e calculista, que nunca me consentiu ver a felicidade através das roupagens phantasiosas com que a imaginação dos homens a reveste geralmente. Foi sempre, meu habito, desde criança, não me deixar levar por indícios ou presumpções e sempre evitei, queimar o meu incenso a outros altares que não os da deusa Realidade. Desde cedo me afiz a pesar em todos os negócios e os prós e os contras e punha sempre de contrapeso o meu innato pessimismo, de sorte que para se contrabalançarem fôra mister houvesse muito maior numero de circumstancias propicias e favoráveis. De pois de verificada a perfeita compensação e equilíbrio de probabilidades, não pense que eu logo me atirasse á empreza, no intuito de executal-a Quedava-me

ainda a hesitar nessa duvida entre as vantagens da acção e os proveitos da inacção e que de vezes punha á sorte o caso, afim de que, mal succedido que fosse, não me culpasse a mim em consciência, e, sim, pudesse attribuir aos fados ou a forças imperiosas a responsabilidade daquillo que fizera. Assim fui sempre e assim você e os demais me conheceram. De sorte que, ao, pensar em Dóra e na possibilidade de fazer della a minha mulher, esmiecei, com rigor analytico, todos os elementos circumstanciaes que rodeavam aquella — para mim — vaga hypothese matrimonial. E fil-o com um raciocínio seguro, como o negociante que afere a mercadoria que vai receber; pus de fora, no cálculo das probabilidades, toda a influencia da imaginação, que é para mim moeda falsa no bazar da vida... Indaguei-lhe da família, dos antecedentes, do gênio, da educação e dos recursos e, com o mesmo escrupuloso cuidado com que procurei conhecer a sua costureira, tratei de saber quaes tinham sido os seus namorados. Ha toda uma lição miúda de psychologia neste ponto, pois quando se não tem a dita — hoje raríssima de encontrar mulher em primeira mão, é de bom aviso procurar, conhecer-lhe o moral através dos seus preferidos anteriores... Dize-me quem namoras e te direi quem és... Tratei de me por a cavalleiro de qualquer engano ou illusão sentimental, muito funestos quando

se trata de cousas praticas como o amor e o casamento. Hoje, sobretudo, nestes tempos vertiginosos em que as pequenas de 12 annos já tem a sua carreira amorosa, é absolutamente necessário, quando se vai tomar por esposa uma dessas encantadoras bonequinhas de salão, observar bem o que lhes accusa o passado para poder indiciar o que nos promette o futuro...Ha meninas por ahi com as quaes eu não me casaria nem que fossem lindas como a Gioconda e trouxessem por dote toda a riqueza de Ford. Mas, como lhe disse, apaixonei-me por Dóra porque ella foi a mulher que me veio na occasião propicia, que bateu á porta do meu, coração quando já eu estava deliberado a abrir-lh'a. Não direi que outros factores não houvessem concorrido para esse resultado. Dora, sobre ser elegante, dotada de fina educação, prendada, religiosa, (qualidade essencial ao equilibrio moral da mulher) e sobremodo distincta, possuía uma boa fazenda, sendo filha única de um casal abastado de velhos negociantes. Não estranhe você que eu enfileire taes elementos para justificar a minha paixão. Admittamos que tudo isso nada valha diante do amor, que sejam zeros, estou de accordo, mas serão zeros á direita, da unidade que a decuplicarão, a centuplicarão, intensificando assim a força do affecto inicial. Ou, antes, para continuar na mathematica, que sempre foi a minha especialidade,

considero a felicidade uma equação simples a tais elementos servem como os coefficientes algébricos, augmentando-a, multiplicando-a gradativamente. Supponho que Dóra possuía todos os coefficientes necessários. De resto, quando digo que me apaixonei por ella, não creia você que fosse haver sentido esse fogo interior dos poetas; lá isso não. O amor, no meu modo frio de conceber as cousas, deve, para ser duradouro e real, perder em vehemencia e amplitude o que ganha em firmeza e profundidade. O verdadeiro amor é aquelle que tem as suas raízes no mutuo entendimento, na affinidade de sentir e pensar e participa mais de sólida amizade do que de ardorosa paixão. Si nós nos amamos assim é o que ainda não posso affirmar com inteira segurança. Dois meses depois de casados, continuo a encarar minha mulher como uma incógnita a resolver. Estudo-a, analyso-a, perscrutando-lhe o intimo na trama invisível da sua organização psychica e ainda vejo que muito tempo levaremos até que nos penetremos reciprocamente a alma um do outro. Mas, vamos antes ao histórico do caso, que lhe interessa mais do que estas digressões ociosas...

Eu vi Dóra pela primeira vez ha oito meses; em casa della, o lugar onde com mais facilidade se poderia, encontral-a, pouco affeita que era a vida social agitada de hoje, cheia de festivaes e recepções. Oito

meses, dirá, você, é muito pouco para se conhecer uma mulher. Engano, puro, engano. Pode ser muito e pode ser pouco, é verdade. Depende de quem observa... Está visto que não me refiro ao conhecimento integral, pleno, absoluto, que é impossível obter mesmo durante toda uma existência convivida de longuíssimos annos. Já, de ha muito, meu caro, renunciei a essa velleidade infantil de nos conhecermos intimamente uns aos outros. É pura tolice, por outro lado, suppôr-se que o tempo e o convívio augmentam o conhecimento mutuo. Ha sempre um preconceito inicial, que se crystaliza, com o tempo e nos impede de nos vêrmos taes quaes somos na realidade. E si assim é comnosco, o mesmo se pode dizer, e com mais força de razão, no tocante aos demais que procuramos comprehender. Somos como uma vidraça através da qual se avista a paisagem: o vidro é sempre o mesmo, mas a paisagem varia constantemente, a mercê das estações, dos imprevistos de todos os instantes, dos transeuntes, de tanta cousa mais... Quem será tão simples para affirmar que conhece todos, os aspectos da paisagem só por ter visto o vidro sempre igual? Accresce que há vidraças esfumadas de neblina que, mesmo na maior claridade, não deixam ver o que lhes fica por detrás; vidraças quebradas, que fragmentam e embaraçam a visão; vidraças sujas e opacas, que nada deixam ver sinão a sujidade;

vidraças ricas, esmerilhadas, coloridas, de custosos labores e artísticos arabescos, que dão aspectos falsos e cores irreaes á paisagem e há até vidraças revestidas de ligeira camada de aço, que, como os espelhos, reflectem quem quer que dellas se aproxime... As attitudes, os gestos, as palavras, tudo isso é a vidraça, a apparencia exterior: vão lá ver o que está alem do vidro, como um painel escondido! Debrucei-me quanto pude á vidraça para, durante esses curtos meses, descobrir alguma cousa dessa, que seria minha mulher em tão breve prazo. Delicioso período de observação, em que menos se observa, o noivado decorreu-nos rápido e feliz, sem accidentes, sem rugas, sem o menor attricto. Dir-se-ia a toalha azul de um lago ou a face límpida de um céu sem nuvens...Sorri? Acha-me poeta, não é? Quem — mesmo o mais sceptico e triste homem deste mundo — não se sentirá poeta uma vez na vida, durante o noivado? Casamo-nos, porfim. Foi um lindo dia do começo de inverno carioca, na igreja da Candelária, onde a minha noiva quis que recebêssemos a bençam nupcial, segundo o rito catholico. Quando o coche, todo branco e rosa rodava pela enseada suave de Botafogo, em demanda da nossa casa, na Copacabana, eu me senti feliz, de uma felicidade igual, serena, unida, como a água da Guanabara que fitávamos num êxtase, e que reflectia o azul puro do

céu de Maio... Realizava, quasi sem esforço, uma aspiração que dorme inconsciente no fundo de todo ser vivo e animado — a de completar-se e fundir na unidade do casal a dualidade que antes imprimia feição diversa aos dois namorados. Sempre me pareceu ser o casamento o systema menos incommodo e mais oportunista de amar... Prolonga a vida, methodizando-a e torna-a explicável e lógica. A belleza, pelo menos para os que são como eu dotados de uma tendência mais estática que dynamica, acha-se mais facilmente numa serena bahia, fechada entre morros, mansa e calma, que no rude embate das ondas furiosas do mar alto. Poderia repetir como um dístico a illustrar o meu pensamento as palavras de Goethe — a belleza é a serenidade e o repouso. Por isso mesmo, nós, eternos inquietos, vivemos toda a existência a procural-a, quando, ás vezes, ella está em nós mesmos. Dá-se o mesmo com a felicidade — a belleza moral, a euphoria dos gregos, que consiste, a meu ver, na paz do espírito que não procura a ventura, porque a encontrou em si mesmo ou renunciou a ella completamente. O casamento é o estado moral por excellencia, o único que, bem ou mal, aquieta o espírito andejo e doudivanas, e não ha como lançar ancoras em enseada segura e rir-se dos que vivem correndo os riscos das longas travessias... Rir-se ou compadecer-se, tal

seja o navegante ou o estado d'alma do espectador. Saber um homem que, ás refeições, tem alguém ao seu lado, para permutar idéas, commentos e iguarias, e, á noite, quem o acompanhe aos passeios e visitas e quem o auxilie a viver em sociedade, pensando por elle, quando não possa fazel-o e praticando, em seu nome, essas banalidades da etiqueta, a que tanto liga o mundanismo — veja bem que é uma grande cousa. A vida a dois torna menos pesada a carga, pelo simples facto de ser dividida e compartilhada: Essa bohemia de solteiro cansa, exhaure, enfastia em pouco tempo. Si temos que ir a uma festa havemos de levar um companheiro, um amigo, pois que, em que pese a moral dos solitários e misanthropos, não há nada peor que a solidão no meio da turba. O próprio amor erradio, sem pouso certo, borboleta ou mariposa a divagar de flor em flor ou de chamma em chamma, é, além de nocivo, desagradável. Isso de não ter horas certas para nada, andar sempre de malas feitas na viagem da vida, hospede de um hotel quando se pode ter a sua casa, é positivamente incommodo e pouco appetecivel. Casado, ao invés, muda de figura a situação. O homem casado toma um quarto effectivo no Hotel da Commodity e, como não tem pressa de conhecer a cidade, ao contrario dos passageiros em transito, é justamente quem melhor a conhece, percorrendo-a toda e

demoradamente. Só de um homem casado se confia para os negócios e até para as confidencias — e dir-se-ia que o casamento fosse uma prophylaxia, si bem que nem sempre assim o seja, avultando até, entre os que já convolaram aos doces paramos do hymineo, o número dos libertinos e biláricos, que o são até mais requintados do que os solteiros. Será, porém, excepção de regra e não regra com que se possa argumentar. O que é facto inconteste é que só o matrimonio nos assegura uma posição nítida na sociedade. Depois, si vêm os filhos, que prazer acaricial-os, ouvil-os papaguear, vel-os engatinhar pelo tapete...Si não vem, tanto melhor, vive-se a esperal-os, que só na esperança já vai uma boa dose, a melhor da felicidade. O necessário, o indispensável é saber levar a vida de casado, comprehender bem a sua mulher. Nisso está todo o *savoir vivre* conjugal. A mulher que se casa conosco traz, por via de regra, um sonho muito maior do que o nosso e muito menos exequível, o que se explica não só pela sua constituição psychica, mais cheia de imaginativa romântica, e ignorante da realidade, como ainda porque tendo vivido menos (em geral ella casa muito mais cedo e eu argumento com a hypothese mais provável da mulher mais nova do que o marido) tem ainda muito mais que esperar da vida... Ora, de qualquer forma, nós devemos procurar realizar esse

sonho, ao menos no que for possível. Ai do marido que logo no começo mata a illusão da sua mulher! Para quantos a primeira noite, a câmara nupcial, é o tumulto da felicidade! E para quantos ainda a lua de mel é o eclipse doloroso dos sonhos do noivado!... Tudo está em acertar o primeiro passo, como na dança. Para tanto é mister, sobretudo, conhecer a psychologia sinão da mulher, mas da sua mulher. Não ha ahí principio preestabelecido que se possa adoptar e sim uma regra para cada caso pessoal e, em cada caso, uma regra para cada dia, hora ou minuto...Ha as de toda espécie, de toda a casta, de todo o gosto e, em se tratando de mulheres, deve-se partir do principio de que não ha affinidades nem mesmo entre irmans, gêmeas que sejam. Estudar, observar, examinar, pacientemente, a sua noiva, durante esse período de iniciação e, depois de mais ou menos conhecer-lhe as tendências, buscar em si aquillo que mais lhe possa ser agradável e executal-o, mas sem demonstrar que o faz de caso pensado para agradar — tal é a primeira, sinão a principal regra de bem viver para os candidatos ao casamento. Para certas, o marido deve ser um pai, tratando-as com carinho respeitoso e ternura velada, sem jamais lhes arrepiar ou lhes ferir a susceptibilidade; para outras, ao invés, deve o marido continuar, vida a fora, a ser o namorado, trêfego e

galanteador, enchendo-as de caricias e jamais esquecendo um abraço ou um beijo á hora opportuna, para muitas ainda o marido se depara um, irmão, a que, se devem ligar por laços confiantes de amizade, serena, repousada e firme. Entre tantos modos de agir não lhe direi, está claro, qual seja o meu, que fora indiscreção fazel-o, mesmo ao mais intimo amigo. Só me cabe afirmar que, certo ou errado, tenho-me dado optimamente com a minha forma de proceder. Dora me ama — deixa-me repetir, como nos dramalhões, de que tantas vezes me ri, essa phrase em que hoje se condensa a minha felicidade. Continua ainda para nós a lua de mel... É sempre de bom partido, quando se não pode prolongal-a por toda a vida, terminar logo essa phase de phantasia e encetar quanto antes a vida normal. Nós ainda, por nos parecer cedo, vamos entretendo essa dupla illusão de que se faz em geral, a doçura desses períodos encantadores da vida, que mais tarde a saudade revive enternecidamente como dos melhores... Dóra é muito caseira, sempre o tem sido, desde menina, qualidade muito recommendavel, por muito rara nestes tempos de agora... É também um tanto indolente, sem prejuízo da actividade necessária ao governo do nosso reduzido lar. Não é exigente nem ciumenta — só nisso lhe faço o maior elogio. O facto de não ser ciumenta induz a crer que seja

constante. A tranquillidade de consciência não nos deixa sequer suspeitar o mal. Não sei si é na Biblia, ou em outro livro profundo, que se lê: — o homem perverso e mau só vê perversidade e malicia nos demais...

Então você se considera feliz, inteiramente, feliz?...E aconselha-me o casamento?

Não sei que lhe diga... Feliz é apenas o homem ser ou o que já não é... Agora quanto a isso aconselhar aos outros... meu amigo, é responsabilidade muitíssimo seria e que eu, com franqueza, custou-me um tanto assumir. Demais, isto de casamento, é como nas doenças: o mesmo remédio que cura a um, pode a outro ser fatal, occasionar-lhe a morte. Depende de tantos factores pessoais, que se pode dizer que não ha, em these, casamentos felizes ou inditosos. O que ha são casados, que não eram feitos para o casamento, pelo menos entre si. É bem de ver que o que se exige para a harmonia conjugal bem longe está de ser aquillo que direi a symetria psychica, a igualdade de disposições que tornaria a vida em commum fastidiosa e monótona. Antes deve existir certa opposição de qualidade que, contrarias, se neutralizem e, diversas, se completem...

— E é isso tão difficil obter?

— Ainda aqui, não posso dar-lhe uma resposta positiva. Pelo seguro, meu caro, você que ainda não

se alistou na legião matrimonial, lembre-se do prudente conselho do grande observador de almas que foi S. Paulo, versado como poucos em assumptos que taes... Conselho prudente e opportuno, pois que serve para todos e para cada um: — Ligado te achas á mulher, não busques soltura; livre estás de mulher, não te busques escravizar... Ahi está — e ninguém comprehende, e, na pratica, todos o applicam ao contrario — toda a chave da philosophia conjugal...

E Heitor, atirando, num leve gesto displicente, o charuto quasi extincto sobre o cinzeiro, levantou-se, sorrindo, num espreguiçamento:

— Adeus... Vou-me á Alvear. Quer ir commigo? Não posso perder um minuto, porque Dóra me espera para ir com ella ao dentista e á costureira...

A BURGUEZINHA
ou
AS LINHAS OCCULTAS DO DESTINO

Tout est bien qui finit bien...

(Prolóquio francês)

A BURGUEZINHA

A Monteiro Lobato

I

Quando elle soube que Áurea já tinha outro, namorado sentiu um vago despeito que mal conseguiu disfarçar. Estava na casa do Vicentinho, onde tantas vezes se tinham encontrado no tempo feliz do seu namoro e Octavio não pôde dissimular o aborrecimento que tal noticia lhe trouxe, á idéa de que, a essa hora, ella estaria a sorrir para o outro daquella mesma janella donde tantas vezes outrora lhe sorrira. O Julio, seu velho companheiro, vendo-o contrafeito, insistiu, por experimental-o, no assumpto. Vendo que as allusões maliciosas do outro buscavam ferir-o, Octavio deu-se pressa em declarar, sem que lh'o perguntassem, que deixara o namorico por sua livre vontade e disso lhe não viera o menor remorso. E como succede sempre

nessas occasiões, em que ha um há um visível propósito de exagerar as cousas, começou a diminuir a moça, a qualificar-a de caprichosa, leviana, namorista e até a deixar, nas entrefallas, transparecer insinuações pouco airozas ao seu procedimento. Julio, porém, observou-lhe que semelhante modo de defesa envolvia, por muito apaixonado, a idéa de que algum sentimento ainda lhe restava pela ex-namorada.

— Vá, confesse. Não se lhe daria recomeçar, desde que ella, de sua parte, quisesse...

Houve risos abafados na roda. Octavio protestou energicamente, ameaçando zangar-se si insistissem naquillo. E minutos depois, sob um pretexto qualquer, despediu-se e sahiu. Na rua teve um suspiro de desafogo. Aquella conversa mortificava-o immenso. Sentia uma raiva enorme contra Áurea que era, afinal, a causa de tudo. Porquê lhe haveriam de vir avivar no peito esta paixão extincta? O que elle tinha soffrido por causa della durante aquelles dois annos em que se namoraram e em que ella se revelara a creatura mais volúvel do mundo! Apesar de tudo, amara aquella moça com todo o seu profundo sentimento de mancebo, que se entrega, inexperiente, ás primeiras effusões sentimentaes. Vira-se preso, dominado inteiramente por ella. Como era feliz agora que se achava completamente

livre daquelle hediondo captiveiro! Ao invés, hoje, a odiava, e ao pensar nella, ao imaginal-a linda, terna, graciosa, a distribuir os seus sorrisos a outros adoradores, sentia um surdo rancor a envenenar-lhe a alma. Não a amava, é certo, mas o ódio que ella lhe inspirava era tão violento e impulsivo como fora, outrora, o seu amor. Mudava de figura a paixão, conservando-se no fundo a mesma, pois que amor e ódio são faces de uma só medalha, arestas de uma única figura e podem até se confundir, coexistindo, em certos temperamentos. Com que satisfação lhe lançaria em rosto, na primeira ocasião que se lhe deparasse, a sua perfídia, a sua leviandade, os seus modos escandalosos que attrahiam os commentarios até dos que a não conheciam? Sentia, ás vezes, ímpetos de insultal-a e vinham-lhe desejos de vel-a aos seus pés, submissa e humilhada, implorando perdão, para poder lhe dizer toda a abjecção que sentia por ella, todo o desprezo e asco que ella lhe inspirava. Nesse dia, ao sahir da casa de Vicentinho, em vez de ir directamente para casa, tomou rumo diverso, pois tendo consultado o relógio, viu que ainda era muito cedo para o jantar. Insensivelmente, talvez por força do habito, seguira pela rua onde ficava a casa de Áurea, e ao chegar á primeira esquina, pensou em voltar, mas viu-a á janella, toda de branco, faceira e linda, e uma força

irresistível o compelliu a seguir. Quando ia chegando perto, sentiu-se nervoso, trôpego e teve receio que ella percebesse a sua emoção, tanto maior quanto mais empenho punha em occultar-lh'a. Já na calçada da casa, viu que Áurea se retirara bruscamente da janella, como de propósito, para desfeital-o. Um impulso desvairado lhe fez pensar naquelle momento em parar em baixo da janella ou mesmo entrar-lhe a casa, para dizer-lhe umas tantas cousas que lhe turbilhonavam na mente, entre outras que não fosse suppor que elle por ali passasse por sua causa, desde que a rua era publica e elle livre de andar por onde bem quisesse. Não fez, porém, nada disso... Seguiu o conselho do bom senso, amigo melhor e mais avisado, e tomou, a passos rápidos e nervosos, a primeira travessa que encontrou, sem coragem siquer de volver o rosto, pois a impressão que tinha era a de que a rua em peso vira o incidente e aos seus ouvidos chegava um zumzum surdo, indefinível, como o de uma assuada ao longe... Tanto é verdade que o nosso egoísmo serve o mais das vezes de lente de augmentar e faz das impressões puramente subjectivas e pessoases verdadeiros casos públicos... A assuada não vinha de fora, da rua, em que ninguém dera pela cousa: vinha, sim, de dentro d'elle mesmo...

II

O novo namorado de Áurea era o Nestor Lopes, amigo íntimo de Octavio, e aquella sua situação de successor trouxe, senão uma quebra de relações, formal e definida, pelo menos um arrefecimento nas mesmas, certo constrangimento e frieza que nem um nem outro procurou encobrir. Octavio, entretanto, continuava a frequentar os mesmos lugares onde antes se encontrava com Áurea e o seu modo de tratá-la, si na intimidade perdeu todo o tom carinhoso da cordialidade antiga, continuou, em publico, o mesmo, delicado e cortez. Mal conseguia disfarçar a excitação nervosa em que o trazia a só presença ou aproximação della. Perdia todo o aprumo, tornava-se desasado e sem espírito, ás vezes de geito tão visível que os que lhe conheceram o romance se punham a rir, cochichando-se :

Vejam lá... Aquillo é mal sem cura... Quanto mais ella o despreza, mais o coitado se enliça...

Octavio irritava-se consigo mesmo ante essas situações desagradáveis a que os encontros frequentes com Áurea o forçavam, e jurava dominar-se, vencer a sua natureza, jugular os seus nervos impulsivos. Para se compellir a brios fazia vir á sua memória todas as scenas em que a doidivanas lhe demonstrava a sua

repulsa actual, fingindo nem sequer lembrar-se do passado e do que de commum houvera entre elles. Lobrigava, de animo prevenido como vivia, sorrisos sarcásticos no modo com que Nestor se lhe dirigia, nos salões e nos passeios, e tinha ímpetos de o provocar, dirigindo-lhe impérios e desaforos. Seria peor, porem, e ao escândalo viria juntar-se o ridículo da sua posição de rival derrotado. Foi por esse tempo convidado para um baile de anniversario em casa do Major Tónico, que festejava a décima quinta primavera da Nhóra, sua filha única e herdeira de uns cem contos para fora... Nhóra já por mais de uma vez manifestara a Octavio certa preferênciã, a que o rapaz, *obcecado* pela formosa Áurea, fingia ser indifferente. Pareceu-lhe, pois, excellente oportunidade para uma desforra em regra. Namoraria a Nhóra abertamente, aos olhos da outra e observaria o effeito produzido. No mínimo, algum despeito lhe provocaria, isso tinha como certo o irritado rapaz. Ao entrar, por volta de nove horas, na casa do Major, foi depositar as suas homenagens, concretizadas num lindo ramo de rosas, nas mãos da protagonista da festa, que o acolheu com o mais jovial e fresco dos seus sorrisos. Entabolou-se logo entre elles o clássico namoro de província, obrigado a olhadellas e sorrisos furtivos, contra danças seguidas, passeios á ucharia, os dois sós e de braços, e

longas conversas, sublinhadas de indiretas e allusões que se fazem facilmente entender. De uma feita, deixou-se ficar de pé, a uma porta do salão, a olhar os pares que dançavam, enquanto a filha do dono da casa se demorava, com algumas amigas, no quarto de vestir. A orchestra executava uma velha valsa, de compasso lento e suave, que se arrastava numa langue cadencia evocativa. Era uma dessas lindas e trivialíssimas valsas allemãs, typo *Valteufel*, infalliveis nos bailes do interior, e que, em contraste com os tangos ruidosos e saracoteantes, parece infundirem uma ternura indefinida na alma de quem as escuta. Deixou-se Octavio arrebatado na lembrança sentimental daquela musica que tantas vezes ouvira voliteando pela sala nos braços da antiga namorada. Nesse momento, justamente, eis-a que entra pelo braço de Nestor e põe-se a valsar á sua vista, com o garbo, a leveza, o donaire que faziam della, a primeira valsista do seu tempo, o melhor par de salão daquellas eras... Áurea, de facto, dançava á perfeição e voava pela sala, na singela belleza, do seu vestido branco, de curto decote, attrahindo as atenções de todos os que a viam. Languidamente se deixava ir nos braços do par, como boiando nas asas de um sonho, immaterial, fluida, diaphana e Octavio via-lhe o vulto esgueirar-se subtil entre os outros seis ou sete pares que dançavam no mesmo

salão. O moreno vivo de sua tez tinha um colorido mais vivace provocado pela agitação da valsa e os seus seios offegavam em suave ondulação, sob o corpete justo que os premia, como a face do lago encrespado pela viração suave que precede, ás vezes, os temporaes... Toda ella, da ponta dos sapatinhos brancos aos *bandós* simples do penteado, era seducção, formosura, um convite mudo ao amor, Os lábios entreabertos pareciam enviar um osculo a quem, mesmo de longe, a fitasse e Octavio não conseguia tirar os olhos de cima dessa moça que parecia attrahir-o com uma força imantica, magnética. Como era linda assim! Ligeiro suor lhe humedecia a fronte lisa e espaçosa, onde alguns anneis de cabellos soltos voltijavam, e o buço levíssimo e encantador, que lhe dava mais realce ás feições morenas e delicadas... A valsa, num compasso mais forte, precipitava-se já para o fim da ultima parte. Áurea agora sorria ás palavras que lhe dirigia Nestor e um secreto e pungente ciúme roia, como verme danninho, o coração de Octavio. De vez em quando, o par passava bem junto delle, quasi roçando-o, e Octavio retrahia-se mais para o canto da porta, como si receasse aquella aproximação. E tão absorvido se deixou ficar por aquella contemplação que nem notou a Nhóra que, sorradeira, se lhe chegara ao pé, e tocando-lhe de leve com a mãozinha o hombro, dizia, num sorriso em que

a doçura apparente mal encobria o fel do despeito intimo que sentia:

— Sim, senhor! Bem dizem que debaixo da cinza fica sempre algum fogo que ninguém presente...

— Voltou-se Octavio de súbito, tomado de violenta impressão... E affectando uma naturalidade forçada, contra a qual protestava todo o seu ser, exclamou, num tom de voz alto, para que todos que se achavam, perto delles pudessem ouvir:

— Ora! Si isto significa alguma causa! Gosto de ver valsar qualquer moça que o saiba fazer com certa arte e elegância... E, por signal, que lhe peço para ser o meu par na primeira contradança...

Nhóra, porém, dando uma risadinha irônica e fitando-o fundo nos olhos, retirou-se, pelo braço de uma amiga, dizendo:

— Para esta e as outras duas que se seguem já tenho par... Vê lá, para não perder o seu tempo, si o aproveita com a bella morena que valsa com “arte e elegância”.

III

Em casa, não conseguiu o moço dormir essa noite e só pelo clarear do dia pode conciliar ligeiramente

o somno. Pensou em sahir, andar pela rua, ir até porto, para ver si se distrahia. Procurou lêr, mas embaralhavam-se-lhe as idéas e fechou o livro sem ter conseguido acabar um capitulo. Abriu as janellas e veio sentar-se, fumando, no sofá da sala, a olhar o céu escuro e estrellado... A noite quente de Agosto abafava... Octavio sentia-se presa de uma grande exasperação contra si mesmo, vendo que, inconscientemente, pusera a perder o plano tão engenhosamente estudado na véspera. Em vez de despertar, como pretendia, os zelos de Áurea, fôra elle que, mais inexperiente que uma criança, se deixou apanhar na arapuca que armara, vindo, ao cabo, a indispor-se com a Nhóra, que lhe offerecia, além do mais, um excellento partido, caso se resolvesse a casar. Era-lhe, pois, impossível subtrahir-se ao domínio daquella creatura leviana e inconstante que o enfeitiçara para, ao depois, o desprezar? Que filtro endemoninhado lhe instillára no coração aquella burguezinha vulgar, de traços pouco acima do commum, para que assim elle ficasse escravizado aos seus encantos? Tudo isso elle pensava olhando o céu escuro, prescrutando com ânsia os primeiros sinaes da madrugada. Apenas de quando em quando, muito distanciados, os gallos cantavam nas chácaras e vivendas do arrabalde, Deitou-se o rapaz e continuou sem somno, revolvendo-se no leito, agitado e nervoso.

Por que artes occultas lograra Áurea se lhe apoderar da vontade e da imaginação, dominar-lhe as idéas daquella forma absoluta e tyrannica? Parecia-lhe, em certos instantes, *vel-a* perfeitamente, na evocação dolorida da saudade. Sorria, verificando o absurdo de sua imaginação allucinada... A essa hora, por certo, ella dormia... E, sinão, accordada como elle, pensaria no baile, mas, certamente, era de outro a imagem carinhosa que lhe perpassava na recordação. Lembrou-lhe então quantas vezes, em noites assim, de volta do baile, elles se deleitavam a pensar um no outro... E era tão agradável nesse tempo imaginal-a no seu quartinho singelo, envolta na camisola de dormir, resando á beira do leito, na clássica postura que vira uma vez no collegio em um quadro intitulado “La priére d’une vierge”... E muitas vezes, no dia seguinte, era ella que vinha dizer-lhe, com um sorriso candido e insinuante ao mesmo tempo:

— Sabe? Sonhei esta noite inteirinha com você...

E nunca, nunca lhe quisera contar esses sonhos...

A pérfida! Hoje, por certo, repetia essa mesma farça mentirosa com o outro... Ao accordar, por volta das sete horas, resolvera Octavio emprender um passeio á fazenda, como meio de distrahir-se daquella idéa fixa que ameaçava a sua saúde moral. Esteve dois meses no “Coqueiral”, dois meses que lhe correram suaves e

deliciosos em pescarias, caçadas, banhos no ribeirão e noitadas alegres de *truco* e *sete e meio* com os vizinhos... Encetou mesmo, como parte do seu programa de cura, um namorico com a Rôla, filha do feitor, guapa caboclinha beirando os seus quinze annos e toda a irradiar frescura e aroma como um fructo silvestre sazonado ao grande sol do sertão... Quando se sentiu bem outro, expurgado o *vírus* do sentimentalismo antigo ao são e puro contacto com a natureza forte e primitiva, Octavio se dispôs a voltar para a cidade. Serviu-lhe de companheiro o próprio Honório, feitor do sitio e pai da Rôla. De caminho, vieram conversando ainda da boa vida rústica, simples e saudável, que, no dizer do velho Honório “não havia outra para enrijar o corpo e até a alma de um homem”... Chegando á sua casa, que lhe parecia differente, após esses dois curtos meses de ausência, Octavio, apenas de novo installado nos seus hábitos, deu-se pressa em abrir a correspondência atrasada. A primeira carta que lhe o cahiu sob as mãos foi uma participação do casamento de Áurea, impressa em letras douradas, sobre um elegante papel velino cor de rosa. Aquella coincidência foi um golpe na sensibilidade apenas adormecida de Octavio... Veio-lhe á idéa, nítido e flagrante, todo o passado que julgara esquecido. Com que presteza se ajustára e se lavara a effeito esse enlace! Dir-se-ia até

obedecer á combinação de que tudo se fizesse durante a sua ausência... Repelliu logo, por absurda, semelhante hypothese. Que têm elles, afinal commigo? Fui, é verdade, o namorado della, mas não fui o primeiro, nem o ultimo... Insensivelmente, arrastado pela recordação, começara a traçar, á margem do papel da carta, as antigas participações que elle costumava fazer nos seus bons tempos de namoro:

ÁUREA DE OLIVEIRA

e

OCTAVIO RENATO DE SOUZA

participam o seu contracto de casamento.

ou, então:

ÁUREA DE OLIVEIRA E SOUZA

e

OCTAVIO RENATO DE SOUZA

participam o seu consorcio realizado a 1.º do mês corrente.

Depois, levava ainda mais longe a sua phantasia e dirigia participações assim concebidas:

ÁUREA DE OLIVEIRA E SOUZA

e

OCTAVIO RENATO DE SOUZA

participam o nascimento do seu primeiro filho Luciano, ou da sua primeira filha Dirçe.

Águas passadas e bem passadas... Onde lá ieis, doces águas, na correnteza da vida, arrastando os Lucianos e Dirces, que a sua phantasia creára? Certo lhe fôra preciso cuidar em edital-os de outra maneira, em procurar outra officina em que os pudesse trazer a lume... E assim pensando sorria, com azedume, sentindo o travo da sua própria ironia... Atirou a carta a um lado e acabou de abrir o resto da correspondência. Encontrou entre outras, uma carta do pai de Nhóra convidando-o para um almoço intimo em que se commemorava a sua promoção a Tte. Cel. Olhou a data... Era velha a carta, de duas semanas e o almoço já a essa hora pertencia á historia, si é que na historia ficou registado. Tudo, assim, lhe eram decepções logo á chegada! Antes houvesse ficado mais tempo no “Coqueiral” saboreando as primeiras mangas e gosando os deliciosos olhares e sorrisos da Rôla... Accendeu um cigarro e foi sentar-se na espreguiçadeira, junto á varanda aberta para o jardim, onde esvoaçavam

pombos e se abriam cravos rubros, no ar macio da tarde. E Octavio, apesar de certa inquietude que o dominava, teve uma sensação de calma e bem, estar e rememorando tudo o que se passara de uns quatro meses a essa parte, synthetizou para si mesmo a sua historia em curtas e precisas palavras, que eram o commentario ao romance extinto:

— Ora! o que lá foi, lá foi! Tratemos de viver a vida como Deus nol-a dá e que não é tão má como parece a muita gente!

IV

Não lhe foi pelo menos tanto como para a infeliz Áurea que, dotada do mesmo gênio romanesco, mas de uma volubilidade de phalena, com pouco tempo se creou uma reputação um tanto duvidosa, sinão de mulher que faltasse aos seus compromissos sagrados, pelo menos de loureira e doidivas. Não precipitemos, porém, os acontecimentos, deixemol-os que venham por si, uns sobre os outros, como na vida, que deve ser o espelho dos novellistas sinceros. Dois annos eram decorridos sobre os factos narrados nos capítulos anteriores — vá lá um pouco desta linguagem á. antiga — quando, uma tarde, achando-se o heróe deste conto no seu escriptorio,

lendo um massudo livro de estudos economico-sociaes, entrou-lhe pelo quarto o seu velho amigo Julio que, de sopetão, lhe atirou com esta noticia surprehendente para o meio acanhado e pequeno em que viviam:

— Sabe, você? A Áurea, aquella que foi sua namorada e depois casou-se com o Nestor, vai separar-se do marido... Dizem mesmo que já estão separados.

— E porquê será? Não sabe?

— A pequena é muito sem juízo... Você deve lembrar-se que ella, quando sua namorada, vivia em rugas constantes provocadas pela sua extrema frivolidade... Deu-se de namoro, dizem, com um official que mora em frente á casa e o Nestor, depois de advertil-a por mais de uma vez da inconveniência do seu procedimento, rompeu com ella um dia que a encontrou á porta da rua conversando com o tal tenente, que, por signal, é uma peça muito ordinária...

— Não é o Avellar? perguntou, curioso, o Octavio.

— Nem lhe sei o nome... É aquelle que veio com o Siqueirinha, na ultima lancha... Um baixo, bexigoso, de bigodinho ralo.

— É elle mesmo... O miserável! balbuciou Octavio, sem se poder conter na sua indignação ante a narrativa do amigo.

— Tem graça! ponderou Julio, vai você ter ciúmes pela mulher do outro?

— Não, não tenho ciúme... É um sentimento natural de repulsão que me desperta todo individuo dessa casta, *don Juans* baratos que não respeitam a dignidade do lar alheio...

— Si Áurea lhe desse corda, meu caro, em vez de o fazer ao tenentinho, aposto que outro seria o seu modo de pensar...

— Nunca, Julio! Você então não me conhece.

Eu jamais accitaria qualquer demonstração por parte della... Amei-a, é verdade, e muito, como talvez ninguém a tivesse amado. Ainda hoje recordo com prazer a sua doce figurinha, de plástica perfeita, que me prendia a vista e os sentidos todos... Lembra-me — com que emoção! — todo aquelle passado feliz, pequenas phrases, incidentes insignificantes, sotaques de voz, doçuras de olhar, expressão de sorrisos... Mas hoje ella é para mim uma estranha, uma desconhecida, peor ainda, pois que com uma qualquer desconhecida ou estranha eu ousaria o que com ella jamais me permitiria ousar... A doce burguezinha que eu amei casimirianamente, na flor dos meus vinte annos, hoje não me falla nem á imaginação nem á saudade...

— Exagero, meu amigo... Para o futuro ainda veremos, disse Julio, batendo-lhe no hombro. Agora é que Áurea começa a correr as suas aventuras...

Julio sahiu e Octavio voltou á sua leitura...

Mas debalde procurava fixar a sua attenção no grosso e alentado volume. Ella se despreoccupara do estudo voara para o caso, que o amigo acabara de contar... Sem que quisesse confessar-se a verdade do seu sentimento intimo, reconhecia que a narrativa de Julio lhe fizera mal. Sentia um grande e surdo rancor contra o Avellar, que se atrevera a disputar a posse de Áurea ao marido e contra este que se revelara um inepto, incapaz de salvaguardar-lhe, pelo amor e pelo carinho, a honra e a dignidade. E, num phenomeno singular de psychologia, elle, que julgara ter se esquecido totalmente daquella mulher, desde o momento em que uma união sagrada e legal a vinculara ao seu rival antigo, via-se possuído agora de um indefinível e estranho sentimento, mescla de ódio, desejo, impulso de vingança, diante da perspectiva de um desencaminhamento que em nada o affectava, de um crime de amor que de forma alguma o attingia.

V

Nestor e o official foram companheiros de viagem, tendo ambos descido na mesma embarcação, um levando a sua desillusão acerca da leviana burguezinha que o enleára em pouco tempo na trama de suas graças e

outro conduzindo no fundo da alma a grata recordação dos sorrisos da volúvel creatura. Áurea retrahiu-se um tanto, durante os primeiros meses, mas, com pouco, voltou á sua vida antiga de sociedade... Quem a visse na sua garridice, alegre, tagarella, a dodivanas de sempre, não desconfiaria siquer toda a dramática urdidura da sua vida. Succede que, aos acasos de bailes e passeios, vieram a encontrar-se de novo os antigos namorados. Octavio, por desencargo de consciência, evitou-a durante os primeiros tempos, mas, — não fosse elle humano e frágil! — acabou se prendendo na teia daquella Ariadne perigosa. Áurea se tornara mais bella, mais forte, com um quê de maturidade nos traços, que outrora lhe faltava. Era a obra de arte da natureza, perfeita e acabada, nos relevos e contornos esculpturaes, da qual o moço Octavio apenas entre-sonhara a perfeição através do esboço adolescente, quando os annos, artistas da vida, apenas haviam, no dizer de Zorrilla, modelado a sua obra. Vai por ahi chega um telegramma do Rio, noticiando a morte do Nestor, victima de um desastre... Aquillo foi como que a mão occulta que empurrou um para o outro os dois namorados. Não penses, leitor, que sem o telegramma e a morte ficaria sem fim esta historia. No pé em que as cousas haviam chegado, a historia estou eu em que acabaria da mesma forma, mas

assim foi melhor, porque ficaram satisfeitos a moralidade e o juiz que os casou, logo depois de alliviado o lucto. Não vás também suppôr que este telegramma e essa morte entrassem aqui para concertar o epílogo do conto ao gosto de certos leitores que só apreciam historias que acabam em casamento... Afianço-te que o caso se passou assim tal e qual, nem de outra forma iria inverter a realidade para te ser agradável. De resto, não é verdade que o acaso também figura como um factor, de moralidade em muitas circumstancias? E o que ha ahi mais commum na vida que a morte e os telegrammas? Mas voltemos ao enredo. Casaram-se os dois e foram felizes. Não, houve na segunda tentativa matrimonial de Áurea officiaes nem Avellares, o que Octavio, por amor próprio ou, melhor, egoísmo, explicava como resultado do grande amor recíproco que não a deixava ter olhos para outrem. Vá ainda que fosse por haver a viúva aprendido á custa própria as lições do bem viver conjugal...E um dia — sirva esta passagem para encerrar o conto, cuja moralidade deixo ao teu critério, leitor intelligente, — estavam os dois a conversar no escriptorio de Octavio, quando Áurea, indo a remexer uma gaveta de papeis antigos, encontrou uma carta de participação toda amarfanhada e encardida, que lhe attrahiu a attenção. Abriu-a, e, com surpresa, viu que se tratava da participação

do seu primeiro casamento... Ali esta escripto, em linhas que foram douradas, sobre o velino que fora róseo:

ÁUREA DE OLIVEIRA LOPES
e
NESTOR ALBERTO LOPES

participam o seu casamento.

Examinou o que estava escripto do outro lado do papel e, com surpresa ainda maior, descobriu as três participações que Octavio rabiscara á margem, naquelle dia de tantas angustias para o moço... Voltou-se para o marido, sorrindo, num olhar commovido, que o enterneceu por sua vez:

— Veja, querido... o que é o destino. Até aqui estava errado tudo... Agora, sim, é que acertamos.

Octavio escutara-a, enlevado, admirado da estranha coincidência dos acontecimentos que fizera apparecer aquelle papel que elle julgara ter deitado fora na occasião...

— E até os nomes podemos aproveitar... Que diz você? Eu prefiro um Lucianosinho...

— Não. Antes eu quero uma Dirce...Mas, seja

o que for, agora é que está certo... Custamos um pouco, meu amor, mas...

— Acertamos sempre! concluiu Áurea, fechando o período com um beijo, que tanto poderia ser um ponto final como uma prolongada reticência

Nota de pesquisa:

“*Espelho de almas (Contos)*”, consta como *verbete*, nos seguintes livros de referência:

- O conto brasileiro e sua crítica: bibliografia (1841-1974); Celuta Moreira Gomes, Biblioteca Nacional, 1977, item 1899, pág. 328;
- Enciclopédia de Literatura Brasileira; Afrânio Coutinho, J. Galante de Souza. São Paulo: Editora Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras - 2ª edição, 2001;
- Fontes para o estudo de Machado de Assis: por José Galante de Sousa. 2. ed. Ampliada, Instituto nacional do livro, 1969, item 572, pág. 108.
- Anais da Biblioteca Nacional; Biblioteca Nacional (Brazil), Imprensa Nacional, Vol. 87, item 1464, pág. 41.

Nota de pesquisa: O PREMIO DA ABL
in: Revista da Academia Brasileira de Letras, Vol. 36, Ano XXII, Maio 1931, n° 114, págs. 222 a 239.

“CONCURSOS LITERÁRIOS DE 1930

I
POESIA

.....

II
ROMANCE

.....

III
CONTOS E NOVELAS

Parecer da Comissão Julgadora, aprovado unanimemente em sessão de 11 de junho de 1931:

O presente parecer, *ex-vi* do edital, tem que considerar separadamente, em dois grupos distintos, as obras publicadas e as inéditas, cumprindo-lhe assim proferir dois julgamentos:

a) O das obras publicadas, que são as seguintes, na ordem da inscrição:

1 - *Da terra ao paraíso*, de Soares de Faria.

- 2 - *Ouvindo Estrelas*, de Alice Leonardos da Silva Lima.
- 3 - *João Ignácio*, de Mario Sete.
- 4 - *Umbá*, de João Fontoura.
- 5 - *O ceguinho*, de Jaime Balão.
- 6 - *O tatuado*, de Isidro Nunes.
- 7 - *Pussanga*, de Peregrino Junior.
- 8 - *Jantando um defunto*, de João de Minas.
- 9 - *A costela de Adão*, de Berilo Neves.
- 10 - *Os que amaram demais*, de Silveira Bueno.
- 11 - *Quem é o pai?*, de Candido Duarte.

b) O das obras inéditas, que se seguem:

- 1 - *Narrativas sertanejas*, de Vinicius.
- 2 - *Rodopiando*, de V. Rolando.
- 3 - ***Espelho de almas, de Helio Maia.*** (*o grifo é nosso*)
- 4 - *Arco-íris*, de Brazilino.
- 5 - *Alguns minutos de enlevo*, de Jégas de Romulos.
- 6 - *Pantomimas*, de Anatole Ronsard.
- 8 - *Cartas importunas*, de Buriti.
- 7 - *O rancho*, de Flaminio de Castro.
- 9 - *Novela de um sanatório*, de Roberto Alves.
- 10 - *Ephpheta*, de Vera Margarida.

Do primeiro grupo ficam fora do concurso os livros dos srs. Soares de Faria, Mario Sete e João de Minas.

– O sr. Soares de Faria não escreveu um livro de contos nem de novelas. Tendo perdido uma filhinha, vasou em linguagem muito sentida toda a sua dor, saindo-lhe da pena trechos, impressionistas, inspirados pelo amor filial. Este o tema de quasi todas as suas noventa e duas paginas. Fora dele,

limitou-se a deixar suas impressões sobre o beija-flor, a solidão, a inveja, a alegria, a inocência, etc., não havendo em nenhuma delas narrativas nem urdidura características de uma novela ou de um conto. É trabalho da mesma índole da de *Mano* e *Vicentinho*, que escreveram Coelho Neto e Maria Eugenia Celso.

– O livro de Mario Sete traz na capa a data de 1928, reproduzida no frontispício. Há, contudo, do autor uma carta sobre o ano da publicação. A Academia, porém, resolverá o caso como for de justiça ⁽¹⁾.

– *Jantando um defunto*, de João de Minas, traz também na capa e reproduzido no rosto do livro, o ano de 1928. A pagina, porem, subscrita pelos editores, tem a data de janeiro de 1929. Mas, de parte a verificação deste incidente, o livro não á de contos nem de novelas. É um depoimento pessoal, desassombradamente feito, por um brasileiro de muito patriotismo e coragem, sobre os fatos da revolução de 1924, no qual cita nomes, alguns bastante conhecidos, localiza os acontecimentos, descreve cenas que afirma serem verdadeiras, e narra barbaridades e horrores que se praticaram de forma sobrehumana e hedionda. — Na própria capa do livro e no frontispício, vem, após o titulo, a declaração: *A mais horripilante e verdadeira descrição dos crimes da revolução*. — Posto que trabalho magistralmente escrito, — fica fora dos termos do edital, no modo de pensar da Comissão, cabendo, entretanto ao autor, si se julgar prejudicado, recorrer desta interpretação para o Plenário.

⁽¹⁾ A Academia resolveu que a data do frontispício é a que deve prevalecer. Por esta razão foi excluído do concurso o livro *João Inácio*, do sr. Mario Sete. — Nota da Redação.

– Consigna a Comissão com prazer que as oito obras impressas apresentadas no concurso são trabalhos de indiscutível merecimento, naturalmente uns de mais valor do que outros, mas nenhum realmente indigno de elogios, ou que mereça desclassificação.

– A novela do sr. Candido Duarte tem qualidades de concepção; escasseiam-lhe, porem, as de execução. Alias, o autor é o primeiro a declarar: «As omissões, os enganos, os descuidos, explico-os eu, dizendo que este é o meu livro de estréia». Acrescentaremos que lhe cumpre maior cuidado no que escreve, para que não escapem construções como esta: «É, em meio de todo esse tumulto, onde esbarra e não se pede desculpa, onde se conversa intimidades sem o menor recato ... » pag. 101.

– Os contos gaúchos do sr. João Fontoura são breves narrativas sobre temas locais, narradas em linguagem cheia de regionalismos. É um dos aspectos mais interessantes do livro, no qual merece ser salientado o conto *Heroísmo*, melhor executado que os demais.

– No seu livro *Os que amaram demais*, o Sr. Silveira Bueno arquiteta bons temas, que desenvolve com facilidade e fluência, e consegue despertar crescente interesse, na urdidura das suas narrativas. Á certa altura, porem, como que se apodera do escritor certa fadiga, ou impaciência, que, levando-o a desfechos rápidos, deixa o leitor em suspenso e com a impressão de que o conto não esta concluído. Isto vem prejudicar-lhe as produções, recomendáveis por vários títulos.

– O sr. Jaime Balão apresentou-se com *O Ceguinho*, e o sr. Isidro Nunes com *O Tatuado*. São composições bem executadas e que deixam a melhor impressão da sua, leitura. Infelizmente os ilustres autores limitaram-se, cada um, a uma só novela, o que os deixa em condições inferiores em concorrência com outros.

– Os trabalhos, porém, que, entre todos, mais se distinguem são *Ouvindo Estrelas*, da snra. Alice Leonardos da Silva Lima, *Pussanga*, de Peregrino Junior, e *Costela de Adão*, de Berilo Neves.

Não oculta a Comissão a dificuldade de indicar o melhor dos três. As Qualidades que se exigem em composições de tal natureza são largamente satisfeitas pelos três já notáveis escritores que, com elas, opulentam de primores a nossa literatura.

Os contos da sra. Alice Leonardos são variações admiráveis dos admiráveis versos de Bilac. A sua arte tem largos recursos, e a sua linguagem é sempre correta, fluente e elegante. Deu-nos assim um livro perfeitamente executado, de leitura atraente e comovedora, no qual é de justiça consignar que lhe cabe ainda, entre todos, a primazia da originalidade.

O livro de Peregrino Junior será, porém, para muitos, mais vibrante e forte, de mais colorido e vigor na intensidade das narrativas. Poder-se-á dizer que a leitura de *Ouvindo Estrelas* delicia e comove, a de *Pussanga* empolga.

Com as mesmas qualidades de expressão, estilo e linguagem apresenta-se o trabalho de Berilo Neves, largamente consagrado pela crítica e ilustres escritores, nomeadamente Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Cláudio de Souza, Humberto de Campos, Afonso Celso, e Gustavo Barroso, eminentes colegas, todos críticos de autoridade acatada.

– São, em resumo, três magníficos trabalhos a que a Academia não regateará os seus prêmios e louvores.

Das *obras inéditas* salientam-se *Espelho de almas*, de Helio Maia, *Pantomimas*, de Anatole Ronsard e *O Rancho* de Flaminio de Castro.

– A primeira, *Espelho de almas*, e uma formosa coleção de contos, alguns singelos e de muita naturalidade, outros de grande pensador, todos despreziosamente escritos, que deixam da sua leitura agradável impressão. Lembram, no estilo, Machado de Assis. Supõe-se o autor um psicanalista, mas é antes um idealista e um crente.

Nos contos «O amigo dos desconhecidos», «Teoria do Imprevisto», e, principalmente, em «Fortunato », apresenta paradoxos bem arquitetados, que sabe desenvolver com graça e vigor. Não explora o escabroso; prefere a virtude. «Conto de Natal» e «A lição de Mimi» são simples, leves e cheios de muita delicadeza de sentimentos. O autor revela erudição e notável segurança de linguagem e estilo.

Si os seus contos forem primícias literárias, anunciam um grande escritor, que é o que já se mostra no seu excelente livro.

O Rancho é também trabalho muito interessante, riquíssimo no vocabulário regional. São contos bem concebidos e escritos. Poder-se-á fazer, entre todos, excepção apenas para *Renuncias*, onde a imaginação do autor não se mantém com o mesmo vigor. Além disto e de leitura fatigante.

Pantomimas de Anatole Ronsard é trabalho igualmente meritório. Linguagem agradável e brilhante. O autor tem tendências modernistas que, não raro, o levam a frases e conceitos oscilantes entre o paradoxo e o absurdo.

ESPELHO DE ALMAS

Em conformidade com este breve exame propõe a Comissão que sejam conferidos, no grupo das obras impressas:

a *Pussanga*, de Peregrino Junior – o 1.º premio;

a *Ouvindo Estrelas*, da sra. Alice Leonardo da Silva Lima

– menção honrosa;

a *Costela de Adão*, de Berilo Neves – menção honrosa;

e, no grupo das obras inéditas:

a *Espelho de almas*, de Helio Maia – o 1.º premio;

a *Pantomimas*, de Anatole Ronsard – menção honrosa;

a *O Rancho*, de Flamínio Castro – menção honrosa;

Rio, 3 de junho de 1931

LAUDELINO FREIRE, relator.
A. AUSTREGESILO.
RODRIGO OTAVIO.

Helio Maia, Anatole Ronsard e Flamínio de Castro são, respectivamente, pseudônimos dos srs. José de Mesquita, Sebastião Fernandes e Álvaro de Alencastro.”